

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

ALINE RODRIGUES GUIMARÃES

**DE PROFISSIONAL A MASTER: MEMÓRIAS DE
JOGADORES DO CLUBE ESPORTIVO DE FUTEBOL**

Porto Alegre

2012

ALINE RODRIGUES GUIMARÃES

**DE PROFISSIONAL A MASTER: MEMÓRIAS DE
JOGADORES DO CLUBE ESPORTIVO DE FUTEBOL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência do Movimento Humano.

Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vilodre Goellner

Porto Alegre

2012

ALINE RODRIGUES GUIMARÃES

**DE PROFISSIONAL A MASTER: MEMÓRIAS DE
JOGADORES DO CLUBE ESPORTIVO DE FUTEBOL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência do Movimento Humano da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Ciência do Movimento Humano.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

Prof Dr. Alex Branco Fraga

Componente da Banca Examinadora –UFRGS

Prof. Dr. Luis Carlos Rigo

Componente da Banca Examinadora – UFPel

Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Componente da Banca Examinadora – UFRGS

*Dedico esta dissertação a meu querido pai,
grande fonte de inspiração e de admiração
diária e sem o qual não faria o menor sentido
ter estudado tudo isso. Eu te amo, pai!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço de forma geral a todas as pessoas que de alguma maneira me ajudaram a cumprir este processo. Em especial à minha família, que sempre esteve presente com grande apoio e sem a qual nada teria tido sentido. Ao meu querido pai, por ser uma fonte inegável de inspiração para este trabalho; à minha mãe, por ser a incentivadora e a parceira de todo o processo desde o início; e ao meu irmão, simplesmente por ser meu irmão em todos os sentidos que essa palavra possa expressar.

A meus colegas de grupo que tornaram possíveis algumas discussões importantes para a reflexão desta pesquisa e, principalmente, à minha orientadora, Silvana Goellner, que acreditou em mim quando eu mesma não acreditava mais.

À minha querida sogra Iara Pizani, por me ajudar sempre que precisei com a língua inglesa, e ao seu Oswaldo Pizani, por me oferecer acesso à sua biblioteca sempre que necessário e por ter sido meu leitor sempre que o solicitei.

A todo o Esportivo Master (diretoria, jogadores, colaboradores e admiradores).

E, do fundo do meu coração, à pessoa que tornou esse meu sonho possível, que acreditou na minha capacidade e que esteve no meu lado dia após dia por esses dois anos de mestrado, incansavelmente: meu parceiro, meu marido, Enio Guimarães. A ti só resta mesmo o meu muito obrigada!

“Este não é um livro de história [...] é uma antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras [...]. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos.” (FOUCAULT, 1992, p. 89).

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo principal compreender o processo de transição de ex-jogadores de futebol profissional do período em que deixam de ser profissionais ao período em que se tornam jogadores de futebol master. Analisa como esses atletas reconstróem sua subjetividade, assim como os modos através dos quais (re)significam o 'ser' jogador de futebol no processo de desterritorialização e o processo de reterritorialização por eles produzido quando deixam os gramados de futebol profissional e passam a ocupar os gramados de campeonatos master. A fundamentação teórico-metodológica está ancorada no campo da história oral, tendo como fonte privilegiada a realização de seis entrevistas com jogadores do Esportivo Master, clube no qual repousa a análise aqui empreendida. Além desse campo, a etnografia foi inspiração para a captação de informações, como um diário de campo, fontes imagéticas e documentais, e o acompanhamento do Campeonato Gaúcho de Futebol Master desde o ano de 2009. Busca-se apoio, sobretudo, em alguns dos conceitos trabalhados por Michel Foucault acerca do processo de subjetivação e de Gilles Deleuze no que diz respeito ao processo de desterritorialização e reterritorialização, conceitos tomados de empréstimo para discutir o processo vivido pelos referidos jogadores. São sujeitos dotados de uma subjetividade futebolística em constante transformação. Trata-se de uma subjetividade (re)construída ao longo dos anos em que atuaram nos gramados e que, de algum modo, continua existindo e em processo de construção, sendo reterritorializada constantemente. Não se trata, apenas, de uma reprodução adaptada do mundo futebolístico profissional, mas de outro universo possível dentro desse mesmo mundo da bola. Reconhece-se que foram levantadas muitas questões neste estudo e que todas elas merecem uma atenção especial. Entretanto a intenção não é colocar um ponto final no assunto, mas inserir reticências, acreditando que muitas outras pesquisas possam apontar nesse sentido.

Palavras-chave: Memória. Ex-jogadores. Futebol.

ABSTRACT

The present essay is a dissertation for a Mastering Degree presented in the Program for Post Graduation in Science of the Human Movement and has as its main aim to understand the process of subjectivity of former professional football players during the period they stop being professional players and become master football players. To understand how they rebuild their subjectivity as well as the way they recover the meaning of "being" a football player, besides understanding how the processes of desterritoriality and reterritoriality they go through when they leave professional pitches and start playing in master pitches occur. The main methodology for the mentioned investigation was based in Oral History with ethnographic inspirations in order to get the needed information. They are people endowed with football related subjectivity in constant transformation. It is a kind of subjectivity (re)built along the years they had played in football pitches all over the world and, in some way it still exists as a rebuilding process being constantly reterritorialized. It is not just the reproduction adapted from the football world but another possible universe inside this same world. I admit that many issues have been raised in this essay and all of them deserve special attention. But for now, that is all I have got. My intention is not to stop the research at this point, but insert reticences with the strong belief that a lot of other studies will point to the same subject.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Almoço de confraternização após uma partida em Bento Gonçalves.....	23
Figura 2 – Momento da reza, ritual que antecede as partidas.....	24
Figura 3 – Festa de encerramento do ano de 2011, com a comemoração do título gaúcho de futebol master.....	25
Quadro 1 – Identificação dos entrevistados.....	26
Figura 4 – Seleção Master de Bento Gonçalves, em 2004.....	29
Figura 5 – Recorte do Jornal Eco do Vale (periódico local da região da Serra do Rio Grande do Sul).....	29
Figura 6 – Lambari atuando pelo Grêmio Porto Alegre em 1983.....	30
Figura 7 – Entrevista para radio local após conquista do tetracampeonato em 2011.....	31
Figura 8 – Toninho Fronza.....	32
Figura 9 – Raquete (D) e um colega de elenco do Esportivo Master em confraternização.....	33
Figura 10 – Lambari, Toninho e Reginaldo, rememorando algumas histórias após uma partida em 2011.....	35
Figura 11 – Recorte do jornal Gazeta de Bento Gonçalves (1978).....	37
Figura 12 – Troféu do acervo particular de Ademir Rodrigues.....	38
Figura 13 – Documento de inscrição no Campeonato Estadual de Futebol Master.....	43
Figura 14 – Documento de inscrição para o VII Gauchão Master 50.....	44
Figura 15 – Momento de assinatura da súmula.....	46
Figura 16 – Time do Esportivo, campeão gaúcho do interior, em 1979.....	47
Quadro 2 – Perfil do Esportivo Master no Facebook.....	48
Figura 17 – Banner de divulgação.....	49
Figura 18 – Imagem do jantar do Esportivo Master com parceria do restaurante.....	49
Figura 19 – Reginaldo volta após licença de saúde.....	50
Figura 20 – Tetracampeonato Esportivo Master 2011.....	52

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS	16
2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	20
3 MEMÓRIAS EM CAMPO: ALGUMAS HISTÓRIAS DO ESPORTIVO MASTER	28
4 O PROCESSO DE (RE)PROFISSIONALIZAÇÃO DO MASTER: A RETERRITORIALIZAÇÃO	42
CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS: ALGUNS APONTAMENTOS	51
REFERÊNCIAS	53

APRESENTAÇÃO

[...] a reflexão incomoda mais do que acomoda, desestabiliza mais do que apazigua, o que torna as coisas ainda mais difíceis para quem quer continuar refletindo, pois como já é possível deduzir, a reflexão não é promessa de lucro, sucesso ou alegria [...]. (SANT'ANNA, 2011, p32)

Introduzo esta escrita tecendo algumas considerações acerca da minha caminhada acadêmica até o presente momento, assim como quando cheguei ao objeto de pesquisa e a minha aproximação com o tema desta dissertação. No decorrer de toda a minha graduação em Educação Física Plena, na Universidade Federal de Pelotas, circulei por vários espaços acadêmicos, os quais me permitiram vivências e variadas possibilidades de direcionamento na minha formação.

O Grupo de Estudos Culturais em Educação Física, coordenado pelo Prof Dr. Luis Carlos Rigo e pela Prof^a Dr^a Eliane Ribeiro Pardo, do qual fui membro durante os quatro anos de graduação, foi meu primeiro contato formal com o meio acadêmico; foi desse espaço que emergiram minhas primeiras leituras, primeiras análises, primeiros questionamentos e um primeiro exercício de escrita.

Com o passar dos semestres, e naquele momento como bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET/Sesu), aproximei-me da pesquisa histórica e também da historiografia do esporte, por meio de um projeto de pesquisa denominado *Memórias esportivas: um estudo cartográfico do esporte em Pelotas*, o qual tinha como objetivo principal cartografar as memórias esportivas da cidade de Pelotas a partir de um periódico local que teve sua circulação de 1948 a 1958 (*Revista dos Esportes*). Uma das 'frentes' dessa pesquisa era o futebol de bairro da cidade. Foi a partir desse momento que questionei sobre como um fenômeno social de tamanhas proporções, tal como o futebol, se sustenta com tantas particularidades. Como o futebol de várzea sobrevive fora dos holofotes da fama?

Minhas aproximações com o futebol perpassam o fato de eu ser filha, neta, bisneta e sobrinha de jogadores de futebol de campo profissional. Minha íntima relação com essa prática, por ser tão presente na minha vida cotidiana, algumas vezes beira o romantismo e emerge até mesmo com certa passionalidade. O estranhamento, como um elemento necessário e importante nas primeiras análises de campo, não se fazia presente de forma tão nítida nos meus primeiros escritos e exercícios analíticos sobre a temática. Talvez por ser um ambiente familiar, costumeiro, eu raramente o questionava.

No decorrer da pesquisa que desenvolvia, no processo de produção de fontes, percebi que aflorou, além de um sentimento de pertencimento em relação aquele espaço, a certeza de que aquele futebol, menos famoso, existia. E, mesmo não estando na mídia, ele movimentava pessoas, produzia significados e possuía símbolos.

Aquele futebol ‘infame’, expressão que tomei de empréstimo de Michel Foucault (1992) para me referir a pouco famoso, por vezes abrigava e acolhia ex-jogadores de futebol profissional da cidade de Pelotas e da região. Agregava sujeitos que haviam tido, mesmo que regionalmente, sua fama e sua glória eminente da profissão e, posteriormente, se tornaram jogadores de um time de bairro sem fama. Dessa forma, questioneimei-me se poderia denominá-los como sendo ‘jogadores infames’, sujeitos que pertenceram a uma determinada fama em um dado momento e depois se situam fora dela.

Após o término da referida pesquisa – que teve duração de dois anos, culminando na produção de um artigo que foi publicado na Revista Movimento (RIGO et al., 2005) – emergiu, de fato, o desejo por continuar estudando essa modalidade esportiva, sobretudo esses jogadores infames.

Norteadada pela obrigatoriedade de certo distanciamento do objeto de pesquisa, fui invadida pelo medo de ser antiética, já que pudera vivenciar parte de uma história de glórias e fracassos no interior de minha família, através da carreira de meus familiares atletas. Foi então que, pela dúvida de seguir ou não uma imparcialidade nas análises, procurei aprofundar meus conhecimentos sobre o tema. Encontrei abrigo nas palavras de Gilles Deleuze (1987), quando afirma que o apaixonado – referindo-se ao pesquisador – procura o impensado não em lugares novos nem distantes de sua morada, mas é em meio às trivialidades que ele se depara com aquilo que o fará pensar o que jamais havia pensado.

Alguns problemas pessoais atravessaram minha caminhada nesse momento, o que culminou na interrupção dos meus estudos por quase quatro anos. Nesse período, fui morar em Bento Gonçalves, cidade onde resido até o presente momento e que hoje tangencia o meu estudo. De certa forma, a cidade fez e faz parte de minha história, pois minha família já havia residido nela quando meu pai atuava pelo time da cidade, chamado Clube Esportivo de Futebol¹, em 1974.

¹ O Esportivo foi fundado em 28 de agosto de 1919. No dia 21 de setembro do mesmo ano, disputou a primeira partida de sua história, no empate em 1x1 com o Garibaldi. Em 24 de agosto de 1945, ocorreu a inauguração do Estádio da Montanha, num jogo entre Esportivo e Atlântico de Erechim. O pontapé inicial simbólico foi dado pela Sra. Alinda Busnello, primeira madrinha do Esportivo.

Foi então que, em 2009, meu pai foi convidado a jogar por esse mesmo clube o Campeonato Gaúcho de Futebol Master², juntamente com seis ex-jogadores profissionais que haviam atuado pelo mesmo clube nas décadas de 1970 e 1980. Esse acontecimento colaborou para materializar meu desejo de dar continuidade aos estudos sobre futebol sem fama, visualizando naquele espaço meu objeto de estudo e principalmente um campo privilegiado de análise para a realização de um projeto de dissertação de mestrado: homens que viveram a fama de jogadores profissionais e posteriormente talvez vivam fora dela, mas que (re)constroem e (re)significam suas subjetividades de jogadores de futebol cotidianamente.

Nesse sentido, realizei uma pesquisa em periódicos relevantes para a Educação Física brasileira e para as Ciências Sociais. Identifiquei, então, apenas três trabalhos³ que de certa forma dialogam com meu tema de pesquisa, o que me permite afirmar a carência de produção nessa direção. Para pensar sobre o assunto, também fiz leituras dos estudos de Luiz Carlos Rigo (2001) acerca do futebol de bairro e suas sociabilidades.

Reconhecendo a necessidade de um recorte temporal na pesquisa, assim como uma delimitação do foco de estudo, escolhi como lócus de investigação o Clube Esportivo de Futebol, mais especificamente o time master desse clube, denominado Esportivo Master. Esse clube tem sua sede na cidade de Bento Gonçalves, localizada no interior do Rio Grande do Sul, apresentando reconhecimento estadual no âmbito do esporte profissional pela sua participação na consolidação do futebol gaúcho⁴.

O Departamento Master do Clube Esportivo, o qual se configurou como vetor principal na realização dessa pesquisa, foi fundado somente em quatro de abril de 2004, por iniciativa de um grupo formado por ex-dirigentes e ex-jogadores do clube. Trata-se de um grupo extremamente organizado, que já disputou sete vezes o Campeonato Gaúcho da categoria, conquistando três títulos estaduais, dois vice-campeonatos estaduais e um terceiro lugar. O time é constituído por jogadores que atuaram profissionalmente no Clube Esportivo

² O Campeonato Gaúcho de Futebol Master é um campeonato de futebol com jogadores a partir de 50 anos realizado no Rio Grande do Sul. A primeira edição do torneio ocorreu em 2004. O maior campeão da competição é o Esportivo, com quatro títulos. Logo depois, com dois títulos, vem outra equipe de Bento Gonçalves, Bento Master.

³ Ver: Souto (2000); Ribeiro (2005, 2010).

⁴ Em 1969, o Esportivo foi campeão da Segunda Divisão gaúcha. Foi uma campanha impecável, de 19 vitórias em 22 jogos disputados. No dia 18 de abril de 1971, aconteceu uma vitória extraordinária. O Esportivo tirou a invencibilidade de 24 partidas do Grêmio com uma goleada. A boa equipe de Bento Gonçalves derrotou o tricolor porto-alegrense por 5x2, virando notícia na mídia nacional. No final de 1973, o Esportivo foi campeão da Copa Governador do Estado. Em 1979, o Esportivo sagrou-se vice-campeão estadual com Valdir Espinosa (treinador), Zeca Rodrigues (preparador físico), Jânio, Noelsen, Edgar, Carlão, José, Raquete, Celso Freitas, Dilvar, Toninho Fronza, Adilson, Sílvio, Sperotto, João Carlos, Lambari, Valdeci, Rubem, Renato Portaluppi, Jarbas, Dairo, Eraldo, Sanches, Catarina, Néia e Tovar. O Esportivo foi Campeão do Interior por seis vezes, em 1970, 1971, 1976, 1979, 1982 e 1987, título este muito cobiçado pelas equipes interioranas na época.

de Futebol nas décadas de 1970 e 1980, assim como jogadores que atuaram em outros times do futebol gaúcho e brasileiro, além de jogadores amadores.

Por eleger como sujeitos da pesquisa um grupo de jogadores master, o olhar para essa investigação foi se tornando extremamente singular. A infâmia, no sentido atribuído por Michel Foucault (1992), que inicialmente direcionava minha análise, foi gradativamente se desfazendo na medida em que mergulhei no trabalho empírico. Percebi que o termo infame, o qual supunha fazer parte do período em que esses ex-jogadores de futebol profissionais se tornam jogadores de futebol master, era inadequado porque eles reconstruíam sua participação no futebol de modo a atribuir uma série de (re)significações para essa prática.

Após situar o tema de pesquisa e descrever de onde parte meu olhar de pesquisadora, e reconhecendo a carência de produção acadêmica sobre jogadores de futebol após deixarem de competir nessa categoria, principalmente no campo das Ciências Humanas, pretendo com esta dissertação contribuir para ampliar as discussões sobre essa temática. Falar sobre algo de domínio, de certa forma, ‘tão público’ no Brasil, como o futebol, me parece ousado, mas propor uma discussão acerca da construção da subjetividade do jogador de futebol e sua reconstrução após encerrar sua carreira torna o estudo relevante e, acima de tudo, desafiador.

Debruço-me, especialmente, em alguns em estudos de Michel Foucault acerca do processo de subjetivação e de Gilles Deleuze, no que diz respeito ao processo de desterritorialização e reterritorialização, os quais tomo de empréstimo para discutir o processo vivido por esses jogadores master quando saem dos gramados profissionais para adentrarem os gramados de campeonatos master. Atendo também para os estudos culturais, para que assim possa ancorar minha investigação e extrair questões e problematizações que venham a ser respondidas no decorrer do trabalho.

A profissão de atleta, de maneira geral, pode ser considerada de curta duração, se comparada a outras profissões de diferentes áreas. Diferentemente de outras atividades que permitem que um indivíduo possa se dedicar à sua área de conhecimento por muitos anos, chegando à possibilidade de estender essa prática até uma idade avançada, o atleta profissional – e mais especificamente o jogador de futebol profissional – não raras vezes se obriga a ‘pendurar as chuteiras’ muito cedo. Ou seja, precisa aposentar-se, em alguns casos, mesmo antes de completar 40 anos de idade e de certa forma sem preparar-se para encerrar sua carreira profissional e tornar-se, a partir de então, um ex-jogador de futebol profissional.

Considerando essa percepção, comecei a indagar e a refletir sobre como o jogador de futebol se reinsere na vida considerada produtiva e cotidiana em sociedade, quando está fora do mundo dos gramados profissionais de futebol.

Após a análise de alguns casos famosos divulgados pela mídia, como a trajetória de Tostão (RAMOS, 1993), entre outros, pude perceber que o fato de parar de jogar futebol profissional merece um estudo mais profundo. Outro depoimento que aponta para essa questão é do técnico Juninho Fonseca (ex-jogador e, agora, técnico de futebol), ao ser questionado sobre como enfrentou esse período específico em sua carreira: “Faço terapia até hoje, pois parar de jogar é uma ruptura violenta” (FONSECA, 2004). Saliento que, de uma maneira geral, neste trabalho essas questões serão constantemente tangenciadas e atravessadas no processo de pesquisa a partir do que ‘ser jogador de futebol’ significou e significa na vida desses ex-atletas profissionais, sobretudo no processo de (re)construção da subjetividade enfrentado por eles.

Concomitante a isso, após algumas análises de campo, posso afirmar que é notório um crescente fluxo migratório de ex-jogadores de futebol profissionais de grandes clubes, assim como interioranos, para dois campos prioritários: o primeiro é denominado *Showbol*⁵, e o segundo é o futebol master, mais especificamente os campeonatos estaduais.

Observo ainda uma crescente valorização dessas duas categorias de forma significativa para esta proposta de estudo. Essa percepção problematiza e de certa forma contraria a ideia de que a aposentadoria precoce seria a única alternativa possível para os jogadores de futebol profissional quando param de exercer a profissão de futebolistas profissionalmente. Tal direcionamento aponta para diversas questões pertinentes dentro da pesquisa, como uma possível (re)significação do término das carreiras, como também uma possibilidade de extensão da vida futebolística desses jogadores.

Considerando o exposto, o objetivo principal deste estudo é *compreender o processo de transição de ex-jogadores de futebol profissional do período em que deixam de ser profissionais ao período em que se tornam jogadores de futebol master*.

Como objetivos específicos, destaco:

1. Entender como reconstruem sua subjetividade e de que forma eles (re)significam o ‘ser’ jogador de futebol.

⁵ Showbol, também conhecido como Indoor Soccer na América do Norte, tem semelhanças com o futebol society. É jogado numa quadra de aproximadamente 42 x 22 metros com gramado sintético, com dois tempos de 25 minutos. Durante o jogo, as substituições são ilimitadas, e tem a particularidade que a bola se mantém em jogo de forma quase permanente, devido à parede de acrílico transparente que cerca o campo. Vários ex-jogadores brasileiros já tiveram a oportunidade de servir a seleção, dentre eles, Djalminha, Dunga, Mauro Silva, Aldair, Zetti, Müller, Careca, Rick Gorni, Lucas Cachoni e Paulo Victor. Maradona, ex jogador argentino foi o segundo maior nome do futebol a praticar a nova modalidade, depois de Garrincha, que jogou pela seleção brasileira em partida disputada em 1975. Informações disponíveis em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Showbol>>. Acesso em: 18 nov. 2012.

2. Compreender como se dá o processo de desterritorialização e o processo de reterritorialização (DELEUZE,1987) produzido por eles quando deixam os gramados de futebol profissional e passam a ocupar os gramados de campeonatos master.

Feita a apresentação de minha caminhada acadêmica, da justificativa e dos objetivos do estudo, descrevo, a seguir, como estruturei esta dissertação. No capítulo 1, denominado *Aproximações teóricas*, procuro apresentar a fundamentação teórica que embasou minhas análises, assim como os principais autores nos quais me apoiei para compreender o fenômeno que está sendo estudado. Destaco, ainda, os principais conceitos que subsidiam minhas análises e considerações.

No capítulo 2, relato os caminhos metodológicos desta investigação, em que descrevo os instrumentos de captação de informações utilizados no decorrer da pesquisa. Apresento também o mapeamento feito para a realização das entrevistas, os sujeitos que estiveram envolvidos nesse processo, assim como os apontamentos feitos a partir das entrevistas realizadas e algumas análises de campo.

No terceiro capítulo, exponho de modo sucinto a história do Esportivo Master. A construção se dá a partir das falas dos próprios jogadores e dirigentes que fizeram e fazem parte desse contexto, como também pelos registros escritos e imagéticos levantados durante a investigação.

Na próxima etapa, apresento a organização dessa equipe de futebol, evidenciando a presença de salários, preparação física e comportamentos de equipe, aproximando esse processo ao que ocorre nas equipes profissionais de futebol.

No último capítulo analítico, trago o processo de (re)profissionalização vivido pelo Esportivo Master, evidenciando especialmente as semelhanças organizacionais entre a equipe master e as equipes profissionais.

Finalizo minha escrita apontando as considerações finais, destacando algumas conclusões e análises oriundas desse processo de dois anos de pesquisa.

1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Teoricamente, pela maneira que procurei investigar o meu ‘objeto’, sinalizando para as relações de espaço e tempo e, sobretudo, para a sua imbricação no contexto cultural, diria que este estudo segue uma linha de análises baseado especialmente nas ferramentas da história oral, tendo como fonte privilegiada a realização de entrevistas.

As perguntas que direcionaram meu pensar foram sendo produzidas através das ‘experiências’ que pude viver em campo, assim como das experiências com diversas leituras realizadas no decorrer do processo. Dessa forma, a escrita foi emergindo como uma busca constante de trazer para o campo científico os direcionamentos da experiência como pesquisadora, ou seja, os ‘saberes da experiência’.

De acordo com LARROSA (2001), a experiência não é “o que acontece”, mas sim “o que *nos* acontece”. E partindo desse pressuposto, o sentido que damos ao acontecimento não pode ser vinculado a nenhuma verdade universal e única. Trata-se, portanto, de um saber singular, subjetivo, relativo, e de certa forma, muito pessoal. Essa lógica um pouco menos fixa de saberes pode vir a nos levar a compreendê-los como constantes transformações.

Além de Jorge Larrosa, desenvolvi análises e diálogo com outros autores cujos escritos tangenciaram o meu exercício de pensar. Utilizei como um dos eixos principais nesse processo de pesquisa os estudos publicados por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1992) e também *O vocabulário de Deleuze*, elaborado por Zourabichvili (2009). Acerca do processo de desterritorialização e reterritorialização, Deleuze assim sinaliza:

[...] construímos um conceito de que gosto muito, o de desterritorialização [...] precisamos às vezes inventar uma palavra bárbara para dar conta de uma noção com pretensão nova. A noção com pretensão nova é que não há território sem um vetor de saída do território, e não há saída do território, ou seja, desterritorialização, sem ao mesmo tempo um esforço para se reterritorializar em outra parte.⁶

Na medida em que me proponho a pensar nos conceitos de desterritorialização e reterritorialização como processos que acontecem juntos e que se constituem como fundamentais para o entendimento das práticas humanas, a noção de território que trago neste estudo ultrapassa os limites impostos pela etnologia⁷. Nesse sentido, ao desterritorializarmos, abrimos passagens antes não existentes, ou melhor, passagens antes não percebidas.

⁶ Disponível em: <<http://www.oestrangeiro.net/esquizoanalise/67-o-abecedario-degilles-deleuze>>. Acesso em: 8 dez. 2012.

⁷ Os etnólogos usam o conceito de território para descrever e delimitar o espaço em que transcorrem relações e inter-relações de determinados grupos sociais, em geral demarcados por meio de símbolos e representações. Para mais, ver Schneider (2009).

Essa noção me ajuda a pensar os processos vividos pelos jogadores de futebol profissional na medida em que migram dos gramados profissionais para os de futebol master, observando sobretudo as dimensões desse processo migratório. Em outras palavras, me permite compreender o território e, nesse caso específico, o futebol (como fenômeno social e cultural) na sua condição totalizante, como prática repleta de significados e de símbolos, atravessada e implicada pela cultura e pelas relações sociais.

Nesse sentido, atrevo-me a lançar um olhar aos sujeitos desta pesquisa não como ex-jogadores de futebol, mas como ainda jogadores de futebol dotados de uma determinada experiência (LARROSA, 2001) que foi redimensionada e adaptada à medida que os anos passaram. A importância de ainda ‘ser jogador’ é perceptível nesses homens, além de estar repleta de significados e de sentidos. Esses significados fazem com que o processo que atravessam na profissão – quando deixam de ser profissionais e passam a ser amadores e, posteriormente, jogadores master – não seja apenas uma ruptura, mas uma continuidade.

A partir desse referencial e especialmente da experiência em campo, o diálogo com a história oral⁸ emergiu de modo consistente, tornando-se fundamental para o processo da pesquisa. Das próprias oralidades, fui construindo os caminhos a serem trilhados, e a partir desses caminhos foi possível elencar as ferramentas teóricas para ancorar as minhas análises. Diante disso, o meu uso da história oral foi aplicado onde as fontes mais convencionais não atuaram. Ao me apoiar nessa ferramenta teórica e metodológica, pude revelar detalhes e ângulos pouco sinalizados em documentos formais.

Nessa perspectiva, dialogo com Michel Foucault, que ocupou um papel importante neste estudo, principalmente pelas contribuições que ele traz para o entendimento da história e de como operar com ela:

Certamente a história há muito tempo não procura mais compreender os acontecimentos por um jogo de causas e efeitos na unidade informe de um grande devir, vagamente homogêneo ou rigidamente hierarquizado; mas não é para reencontrar estruturas anteriores, estranhas, hostis ao acontecimento. E para estabelecer as séries diversas, entrecruzadas, divergentes muitas vezes, mas não autônomas, que permitem circunscrever o “lugar” do acontecimento, as margens de sua contingência, as condições de sua aparição. (FOUCAULT, 1996, p. 56).

A respeito das controvérsias que surgiram entre os historiadores sobre a maneira bastante peculiar como Foucault trata as práticas sociais e faz suas histórias, Paul Veyne (1995, p. 177) assinalou que no estilo foucaultiano “não se joga xadrez com figuras eternas, o rei, o louco: as figuras são o que as configurações sucessivas no tabuleiro fazem delas”. O

⁸ Para um maior interesse no debate pertinente à história oral, indico Ferreira e Amado (1998).

autor destaca que definir se isso é ou não é história é uma falsa polêmica, já que “a própria história é um desses falsos objetos naturais: ela é o que se faz dela” (VEYNE, 1995, p. 181). Ele ainda acrescenta que o que Foucault faz poderá ser considerado história “se os historiadores se apossarem do presente que ele lhes faz e não o considerarem como uvas verdes” (VEYNE, 1995, p. 181).

Essa visão de como operar com a história direcionou-me de certa forma a analisar as oralidades presentes na pesquisa. Para falar de memória, utilizei os estudos de Ecléa Bosi (1994, 2003), que coloca a existência de outras histórias possíveis dentro da história cronológica, ou seja, memórias densas de substâncias memorativas no fluxo do tempo e que aparecem com clareza nas biografias narradas. Tal como nas paisagens, há marcos no espaço onde os valores se adensam. As memórias dos ex-atletas, na medida em que permitem o pensamento, também constituem o seu limite, pois, se a história é a própria representação das coisas, ela própria é histórica. Essa concepção tomou força a partir do advento da história cultural, movimento que se intensificou a partir da década de 1970 (PESAVENTO, 2003) e cuja ruptura paradigmática abriu espaço para aqueles que efetivamente teceram e tecem os fios da história, usando como substrato os fios da própria existência.

Adentrando a compreensão sobre o que é história da história e da importância que isso assume nesta pesquisa, atrevo-me a utilizá-la como um ‘instrumento’, sobretudo um instrumento que me permite olhar para as narrativas e pensar o que ainda não foi pensado; um instrumento “arquitetado pelo desassossego do homem moderno e voltado a não lhe oferecer calmante nem consolo” (SANT’ANNA, 2011, p. 86). Foucault (1996, 2008) trabalha com uma perspectiva histórica não linear, pois ele não utiliza a história para explicar necessariamente o novo, mas sim para explicar e analisar o impensado.

Vislumbro nesse pensador contemporâneo uma importante postura política, ao selecionar como objeto de seus estudos as estratégias experimentadas pelos sujeitos, pois, de certa forma, ele combate uma tradição positivista, muito pouco inclinada a admitir as descontinuidades dos processos históricos e discursivos. Foucault contesta, antes de qualquer outra coisa, a pretensão totalizante do homem moderno. Essa perspectiva é marcada pela tentativa de definir conceitualmente – na relação que o sujeito experimenta com o mundo – uma determinada estratégia, bastante astuta, de constituição de si mesmo em relação aos outros. Assim, respeitadas algumas das particularidades de seu pensamento, deparo-me com ferramentas conceituais importantes que podem subsidiar a minha investigação, acima de tudo para tentar compreender as estratégias subjetivantes experimentadas pelo sujeito.

Além do entendimento de história e de como operar com ela, sinalizo para alguns conceitos trabalhados por Foucault ao longo de sua obra, fundamentalmente para o processo de subjetivação descrito como sendo as maneiras por meio das quais o indivíduo se constitui como sujeito de sua própria existência. Essa expressão pode ser descrita como um processo de produção histórica, principalmente como as maneiras pelas quais o indivíduo se constitui como sujeito de sua própria existência; ou seja, pensar em processo de subjetivação é pensar nos aspectos de constituição do indivíduo. Por meio dessa expressão, Foucault procura compreender as práticas que dentro de nossa cultura fazem do homem um sujeito preso a uma identidade que lhe é atribuída como sua.

Esse deslocamento de olhar proposto por Foucault – ou seja, daquilo que sempre foi considerado como central e essencial para o entendimento das instituições e principalmente da sociedade, para o desviante, o periférico, o marginal – me permitiu olhar para os (talvez) ‘infames’, nesta pesquisa, construindo outras possibilidades.

Michel Foucault (2008) coloca a todos nós como eternos responsáveis pelas reproduções, pelos questionamentos e pelas estratégias que constituem os espaços em que circulamos. Nessa ótica, e a partir desse aporte teórico, entendo que olhar para esse processo migratório e de desterritorialização (que os ex-jogadores de futebol profissional experimentam depois de deixarem os campos profissionais de futebol) é, além de observar por quais mecanismos de captura eles são submetidos, analisar ainda por quais estratégias eles operam para que possam se reterritorializar nos gramados de futebol master.

Feita a descrição dos principais aportes teóricos que subsidiam minha investigação, passo a descrever os caminhos metodológicos que segui para desenvolver esta dissertação.

2 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, descrevo o ‘território’, sobretudo os processos utilizados para conduzir este estudo. A investigação foi conduzida tendo como pressuposto metodológico principal a história oral, aqui compreendida enquanto um campo de conhecimento que possibilita a análise das narrativas e, também, das imagens, das oralidades e das memórias. Essa metodologia, além de validar o uso compartilhado de fontes orais, imagéticas e escritas, de forma que não se estipule nenhum nível de hierarquia entre elas e por não ser de exclusividade de nenhuma disciplina específica, pode ser entendida como um caminho metodológico que serve para implodir e tensionar fronteiras disciplinares na produção do conhecimento.

Segundo Bosi (1994, p. 55), existe dentro da história cronológica outra história mais densa de substância memorativa no fluxo do tempo:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

Uma das diversas contribuições metodológicas da história oral diz respeito ao uso de fotografias junto à coleta de depoimentos. Sobre essa possibilidade, Zeila Demartini (1997), por exemplo, ressalta que a fotografia proporciona o surgimento de possíveis singularidades nos depoimentos. A autora lembra também que o pesquisador irá deparar-se, corriqueiramente, com imagens e fotografias de fontes e naturezas diversas, o que exigirá dele uma disposição para lidar, sem preconceitos, com “certa flexibilidade metodológica” (p. 10).

Na bibliografia das Ciências Sociais e Humanas, há poucos registros de análises sobre o processo vivido por ex-atletas, com carência de acervos e bibliotecas. Por isso, a utilização das oralidades nesta pesquisa assume grande importância, já que as lembranças dessas práticas estão guardadas predominantemente nas memórias dos seus atores.

Memórias muitas vezes são quebradas pelo tempo e a cada dia estão mais presentes nas práticas culturais urbanas. Como observa Olga Von Simson (1997, p. 22), “é o suporte

imagético que, na maioria das vezes, vem orientando a reconstrução e veiculação da nossa memória”.

Nesse sentido a realização das entrevistas se utilizou dos procedimentos teórico-metodológicos adotados pelo projeto *Garimpendo Memórias*⁹, desenvolvido pela equipe do Centro de Memória do Esporte (CEME) da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O projeto possui um manual que elucida os passos a serem realizados para a realização de uma entrevista, seu processamento e sua utilização como fonte de pesquisa. Seguindo essa direção, descrevo as etapas desenvolvidas para a coleta de informações por meio de entrevistas com os jogadores e dirigentes do Departamento Master do Clube Esportivo de Futebol.

As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro previamente elaborado, que contou com uma breve biografia de cada entrevistado. Após a realização dessa etapa, a entrevista passou por vários processos, sendo eles: a) transcrição seguida de mais três procedimentos necessários: copidesque (leitura do áudio da entrevista juntamente com a transcrição da entrevista, feito por uma segunda pessoa), conferência de fidelidade (feito por uma terceira pessoa) e a pesquisa (ampliação das informações que aparecem na entrevista); b) devolução da entrevista para a conferência do entrevistado; c) assinatura de um documento concedendo ao CEME a propriedade e os direitos de divulgação do depoimento; d) catalogação da entrevista; e e) disponibilização para consulta através da sua *home page*¹⁰ e do Repositório Digital do Centro de Memória do Esporte, na coleção Depoimentos¹¹.

Concomitante a isso, atrevo-me a lançar um olhar com inspirações etnográficas, à medida que utilizo alguns mecanismos de captação de informações desse aporte teórico metodológico, tais como diário de campo, observação participante, uso de imagens antigas e atuais (fotografadas em campo). Esse olhar recebe forte influência de um estudo publicado por Goellner e outros (2010) acerca da pesquisa qualitativa na Educação Física e ainda dos estudos etnográficos nessa área de intervenção:

Considerando a cultura como um sistema organizado de símbolos compartilhados, sem os quais a vida coletiva seria um caos de ações sem finalidade nem ordem, um primeiro aspecto a ser destacado nesse contexto investigativo é que em todas essas

⁹ O projeto *Garimpendo Memórias* objetiva preservar e divulgar a memória do esporte, da educação física, do lazer e da dança no Brasil. Concretiza-se através da realização de entrevistas com pessoas que podem testemunhar sobre os acontecimentos, as conjunturas, os eventos, as representações, os modos de vida, os sujeitos, enfim, múltiplos aspectos relacionados à estruturação das diferentes práticas corporais e esportivas no contexto brasileiro e internacional. Foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFRGS sob o protocolo número 2007710. Mais informações disponíveis em: <<http://www.esef.ufrgs.br/ceme/projetos/garimpendo/index.htm>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/ceme/acervoEntrevistas.php>>.

¹¹ Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/40502>>.

possibilidades temáticas, o investigador está (deveria estar) em busca dos significados que os protagonistas atribuem às atividades que praticam. (GOELLNER et al., 2010 p. 384).

Nesse sentido, foram coletados e transcritos sete depoimentos orais, concedidos por cinco ex-jogadores de futebol profissional que atuam no time master do Clube Esportivo de Futebol – todos eles sem jogar no time profissional há mais de 15 anos – e por dois atuais dirigentes. Esses depoimentos, advindos das entrevistas realizadas seguindo os procedimentos previstos para seu processamento, proporcionaram subsídios para uma reflexão sobre o tema desta investigação, principalmente sobre o período de transição que me propus a analisar. Além disso, contribuíram para um melhor delineamento do foco da pesquisa, pois suas falas indicaram temas que posteriormente foram aprofundados.

Concomitante a isso, foi organizado um acervo imagético e jornalístico desses ex-atletas, objetivando conhecer não só o período em que exerciam a profissão como futebolistas profissionais, mas também sua vida junto ao time master.

Além da coleta dessas imagens e reportagens do passado, investi na busca por imagens atuais desses jogadores. Para tanto, acompanhei várias atividades (desde 2009) relacionadas ao time master, como jogos do Campeonato Gaúcho Master, viagens, almoços, reuniões e festividades. Essas atividades foram registradas em anotações de diário de campo, vídeos e fotografias.

As maneiras de registrar os sentidos das experiências vividas no campo empírico foram revelando múltiplas possibilidades que (re)criavam os chamados ‘dados’ de pesquisa. Depois de coletadas as informações que embasam minha pesquisa, restava-me, portanto, a tarefa de garimpar. Isso seria, em outras palavras, selecionar, ordenar os fatos, analisar e dialogar com eles por meio da escrita.

A partir desses registros, busquei alinhar as informações advindas das diferentes fontes de pesquisa com a fundamentação teórica, os pensamentos e os desejos. Não raro, essa linearidade era interrompida por discontinuidades, por vazios e/ou por fios soltos que apontavam direções diferentes. Devido a essa desconexão cotidiana, percebi que precisava de outra linguagem além da escrita, um segundo exercício narrativo talvez, em que houvesse espaço para essas discontinuidades, para as singularidades da memória, para os fragmentos, para os acontecimentos sem antes ou depois.

Esse suposto anseio de lançar para o empírico um segundo olhar foi se entrelaçando com outra possibilidade narrativa: as imagens ou a fotografia. Concomitante aos registros de campo, foram tiradas e organizadas fotografias desses sujeitos, fosse em situação de jogo, em

meio às festas e espaços de sociabilidade ou na realização das entrevistas. Isso me possibilitou perceber que, paralelamente às palavras, a linguagem imagética assumia certa importância nesse processo de pesquisa, assim como suas especificidades e particularidades.

Figura 1 – Almoço de confraternização após uma partida em Bento Gonçalves



Fonte: a autora (2011)

Legenda: esquerda: Dirnei, Marquinho, Toninho, Albericy; direita: Rumenigue, Altair, Renato Souza, Lambari, Ratão e Reginaldo.

Mesmo que marcadas por suas diferenças, as fotografias e as palavras dialogavam muitas vezes e se encontravam atravessadas. E, nesse atravessamento, sua influência na escrita da pesquisa foi ficando bastante marcante, não só pela análise dessas imagens, mas pelo próprio ato de fotografar em campo.

Para olhar essas imagens, apropriei-me de algumas indicações apresentadas por Goellner e outros (2010), quando discorrem sobre a pesquisa qualitativa com imagens na produção acadêmica da Educação Física brasileira. Para os autores, a utilização da imagem só faz sentido se estiver conectada à investigação. É preciso dar voz às fontes, colocá-las em confronto, em diálogo, articulá-las com as questões norteadoras da investigação. A metodologia de análise dessa imagem e o olhar a ser lançado dependem exclusivamente do aporte teórico que o estudo está apoiado, bem como ao problema que a pesquisa pretende responder. Dessa forma, é possível visualizar nas imagens um texto a ser lido.

Para tornar visível o uso que faço das imagens nesta investigação, recorro a algumas delas no sentido de afirmar sua importância na constituição da minha narrativa. Na imagem abaixo, por exemplo, registrei um ritual muito comum nos times de futebol profissional, assim

como nas equipes master. Esse ritual muitas vezes não está presente nas suas narrativas orais, mas mostra-se fundamental no cotidiano de suas atuações como jogadores de futebol.

Figura 2 – Momento da reza, ritual que antecede as partidas



Fonte: a autora (2011)

O ritual da reza, da oração realizada pelos jogadores, tanto na equipe master quanto nos outros times pelos quais passaram profissionalmente, é dotado de significados, possuindo símbolos e crenças que parecem se perpetuar na condição de master. Os detalhes dos gestos no ritual podem ser notados ainda quando eles se preparam para uma viagem, uma partida a ser realizada em outra cidade, quando utilizam seus uniformes e vestimentas que simbolizam o pertencimento ao time que representam.

Para uma partida realizada fora da cidade, existe um procedimento predeterminando. A direção e todo o grupo de jogadores se encontram em uma padaria tradicional da cidade de Bento Gonçalves, tomam café da manhã juntos, discutem a escalação do dia e saem, às vezes com suas famílias em seus carros, às vezes em um ônibus fretado para toda a equipe. Dessa forma, devidamente ‘fardados’ com suas bagagens e um semblante compenetrado, embarcam rumo a uma ‘batalha’, muito semelhante ao que faziam nos times profissionais.

Os momentos de confraternização e festividades também foram percebidos como importantes nesse processo. As relações de amizade e sociabilidade construídas por esses atletas em décadas anteriores permanecem, ou melhor, são reconstruídas em cada encontro, cada almoço, jantar ou partida de futebol em que atuam juntos. Por essa razão busquei registrar esses momentos utilizando-me das oralidades e das visibilidades.

O jogador Leopoldo Benatti, por exemplo, menciona essa relação de amizade em seu depoimento:

Nossa, eu fui compadre do teu pai, eu o Celso, o Espinosa, isso aí, o cara não esquece nunca. Essa foi a melhor coisa da minha vida que eu aprendi... a amizade, isso não tem dinheiro que pague, tu entendeu? Coisas que a gente carrega e que quando se encontra este ali ainda presente, com carinho, com satisfação de estar junto todo o final de semana. (BENATTI, 2011).

Essa relação se mostra também nas imagens. A fotografia abaixo registra essa afirmação. Nela, busquei captar esse sentimento que é tão presente em inúmeras situações vivenciadas por mim no decorrer da investigação. A imagem que exemplifica essa afirmação foi capturada no dia da festa de encerramento das atividades do ano de 2011. A festividade foi organizada para selar a comemoração do título do Campeonato Gaúcho Master. O evento contou com minha organização e registro. Não faltaram imagens que demonstrassem os laços de amizade construídos por esses atletas durante toda a vida futebolística e que se perpetuam ainda na categoria master. Relatos, histórias, memórias, abraços e lembranças ficaram evidenciados nesse encontro.

Figura 3 – Festa de encerramento do ano de 2011, com a comemoração do título gaúcho de futebol master



Fonte: a autora (2011)

Descritos os modos como me apropriei das oralidades e das imagens, descrevo, agora, como construí minha rede de depoentes. Considerando que quase 30% de um total de 20 jogadores que atuam no time master do Clube Esportivo são ex-jogadores profissionais, elaborei um quadro no qual apresento meus entrevistados, bem como algumas informações

básicas sobre suas carreiras como profissionais e como jogadores master e, ainda, a data da entrevista concedida.

O critério para a escolha desses depoentes foi teve como base a passagem pelo clube Esportivo de Futebol nas décadas de 1970 a 1980 e o retorno após o término da carreira para o Departamento Master do mesmo clube a partir de 2004, quando foi criado. A rede de depoentes por mim constituída constitui-se dos seguintes jogadores e dirigentes:

Quadro 1 – Identificação dos entrevistados

Nome do jogador (apelido)	Período em que atuou pelo Clube Esportivo de Futebol	Outros clubes em que atuou como profissional	Tempo no Esportivo Master	Data da entrevista
1 - Lambari (Ademir Rodrigues)*	1974 a 1978 e 1988 a 1990	Ipiranga, Grêmio, Pelotas, Brasil de Pelotas, Atlético Paranaense, Juventude, Inter de Limeira, Rio Grandense	Desde 2009	28/10/2010 25/5/2011
2 - Toninho Fronza (Antonio Domingues Fronza)*	1974 a 1992 (com pequenos intervalos)	Brasil de Pelotas, Bagé, Garibaldi, Lajeadense	Desde 2004	2/6/2011
3 - Raquete (Leopoldo Benatti)*	1972 a 1980 (com pequenos intervalos)	Juventude, Veranópolis, Garibaldi	Desde 2004	24/11/2011
4 - Reginaldo Alves*	1972 a 1978	Santo Ângelo, Carazinho, Curitiba, Criciúma e América	Técnico desde 2004	14/12/2011
5 - Renato Sonza			Dirigente desde 2004	8/9/2011
6 - Romeu Paludo			Dirigente fundador do time Esportivo Master	10/5/2012

Fonte: a autora (2012)

Legenda: * atuaram juntos no Clube Esportivo de futebol nas décadas de 1970 e 1980.

Ao fazer esse levantamento, percebi que o time master apresentava seis tletas que já atuaram profissionalmente no Clube Esportivo de Futebol, a maioria com carreiras interioranas, ou seja, jogaram prioritariamente em clubes do interior do Rio Grande do Sul. Todos tinham mais de 50 anos de idade e quatro deles em algum dado momento atuaram juntos na cidade de Bento Gonçalves, no Clube Esportivo de futebol profissional.

Realizado esse levantamento, realizei as entrevistas e, concomitantemente, busquei outras fontes de pesquisa, tais como reportagens de jornais e revistas (muitas delas cedidas pelos próprios jogadores), documentos do Clube Esportivo, entre outros. Tornaram-se fontes importantes os registros que produzi ao acompanhar várias atividades junto com os jogadores, com destaque às duas festividades para as quais a direção me convidou a participar da organização. Nessas ocasiões, apresentei a jogadores, familiares e outros presentes dois vídeos¹² feitos por mim, com algumas imagens cedidas por eles e outras feitas durante o processo de pesquisa.

Depois de produzidas as fontes, comecei a desenvolver o exercício analítico. Para tanto, estabeleci um diálogo entre as diferentes fontes de pesquisa de modo que pudessem, a partir delas e consoante aos objetivos da investigação, emergir os principais temas sobre os quais debrucei minha análise. Dessa triangulação de informações, despontaram duas temáticas: a memória do Esportivo Master por meio das falas dos próprios depoentes e o processo que chamei de (re)profissionalização do master, sobre as quais discorro nos capítulos seguintes.

¹² O vídeo apresentado em 2010 está disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=ixJncvb5QJ8>> e o apresentado em 2011, em <<http://www.youtube.com/watch?v=ePBOIEHBNVg>>.

3 MEMÓRIAS EM CAMPO: ALGUMAS HISTÓRIAS DO ESPORTIVO MASTER

Introduzo este capítulo remetendo à sensibilidade de Ecléa Bosi (2003), quando, em sua obra intitulada *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*, disserta sobre o campo de experiência pessoal com os eventos cotidianos. De acordo com a autora, existe uma história considerada oficial, encontrada em manuais e documentos, contendo datas e marcos importantes, história que todos nós, em tempos de escola, tivemos de decorar. Entretanto a história a que ela se refere é outra história possível, a de cada um de nós, construída ao longo da vida, a partir de um dia a dia, a partir do corriqueiro.

Ainda de acordo com Bosi (ibidem), a todo o momento reconstruímos aspectos relevantes de nosso passado, contando essa história a nós mesmos. Contudo o relato dessa história é primordial, pois através dela aquilo que vivemos, ouvimos, sentimos e que até então é unicamente nosso ganha certa dimensão social, obtém testemunhas e faz com que os que nos ouvem ampliem sua experiência, através das nossas palavras.

Dessa forma, é possível pensar que qualquer história está guardada muito mais nas memórias de seus atores do que em livros e documentos. A partir desse pensamento e tratando o indivíduo como fenômeno social, Olga Von Simson (1991) salienta que não devemos estudar o indivíduo e sua história separadamente, mas observar, sobretudo, as relações nas quais ele está inserido. Sobre a formação do time master, Leopoldo Benatti afirma:

O master é uma coisa muito linda nossa, aí da cidade. Nós começamos com jogadores convidados que nós conhecíamos e que tinham vínculo, que gostavam do clube, que valorizavam a cidade e vinham mesmo que de fora da cidade, jogar aqui... E a gente monta times muito fortes, sempre favoritos, e esse ano não vai ser diferente. (BENATTI, 2011).

Ao buscar dados informativos, descobri que o Esportivo Master foi fundado em 4 de abril de 2004 por um grupo de ex-atletas e apaixonados pelo futebol. Foi idealizado com o objetivo de reaproximar pessoas, relembrar grandes ídolos e vivenciar o futebol. Teve sua primeira formação com o nome de Seleção Master de Bento Gonçalves e mostrava em seu uniforme a cor vinho, remetendo ao símbolo da cidade¹³ como é possível visualizar na imagem abaixo.

¹³ Conhecida como 'capital brasileira do vinho', Bento Gonçalves se configura como a maior produtora de uva do Rio Grande do Sul, e o maior produtor de vinhos e derivados de uva do Brasil. O plantio da videira no município remete à chegada dos imigrantes italianos na região, o que mostra que a atividade não tem apenas caráter econômico, mas também cultural.

Figura 4 – Seleção Master de Bento Gonçalves, em 2004

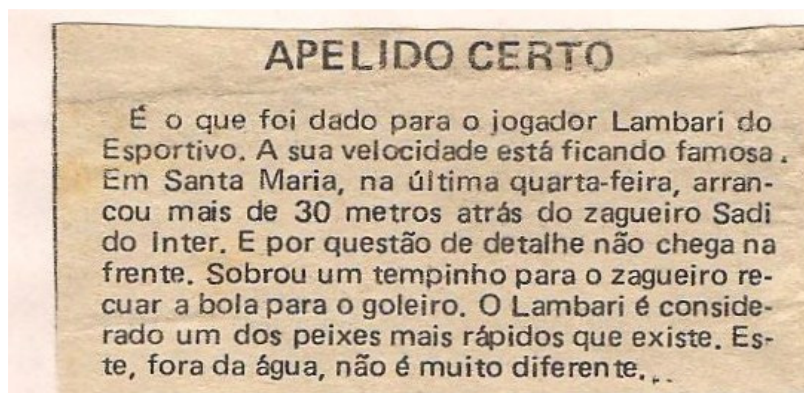


Fonte: acervo de Renato Sonza.

Para narrar esta história, contextualizo-a através das histórias dos próprios jogadores que atuam no Esportivo Master, visto serem eles que a constroem e a reconstróem cotidianamente. Para tanto, apresento-as em breves biografias narradas pelos jogadores, protagonistas dessa ação. Analiso ainda como eles perceberam o período de transição vivido entre o final de sua atuação como jogador profissional e a inserção na categoria master.

Início minha discussão apresentando Ademir Rodrigues, o Lambari, como é conhecido no meio futebolístico.

Figura 5 – Recorte do Jornal Eco do Vale (periódico local da região da Serra do Rio Grande do Sul)



Fonte: acervo particular de Lambari, sem data registrada. O depoente reconhece como sendo de 1982.

Lambari tem 55 anos de idade e atuou mais de 20 anos no futebol profissionalmente. Atualmente, reside em Pelotas-RS com sua esposa e atua há quase cinco anos no Esportivo

Master, sendo eleito em 2009 goleador do Campeonato Gaúcho de Futebol Master. O jogador assim narra sua trajetória:

Sou natural de Erechim, iniciei minha carreira no Ipiranga, no profissional, com 16 anos. Passei dois anos no Ipiranga, 1975 e 1976, e na época o Ipiranga fechou e eu fui vendido para o Esportivo de Bento Gonçalves, onde eu fiquei cinco anos, com empréstimo para muitos clubes, mas retornava para o Esportivo. E no Esportivo eu fui vendido para o Grêmio de Porto Alegre, onde eu tive sorte. Naquela época, o Grêmio foi campeão da Libertadores e campeão mundial. Então, eu fiz parte desse grupo vitorioso. Fiquei dois anos no Grêmio e fui emprestado para o Atlético Paranaense, passei na Inter de Limeira... Eu vou colocar todos os Clubes, pois foram vários. Na Inter de Limeira eu fiquei oito meses, retornei para o sul para o Esportivo, fiquei mais uma temporada no Esportivo e de lá eu vim para Pelotas. Joguei mais quatro anos no Pelotas, depois fui emprestado para o Sergipe de Aracaju, retornei para o Pelotas, eu era vinculado ao Pelotas. Eu joguei em outros clubes, como o São Paulo de Rio Grande, no Inter de Santa Maria, no Santa Cruz aqui no sul... Joguei no Criciúma em Santa Catarina, no Juventude de Caxias e acabei encerrando minha carreira no Santa Cruz. No Santa Cruz foi meu último ano, em 1994 para 1995. Então foi vinte anos como atleta profissional. E me considero um atleta vitorioso. (RODRIGUES, 2011).

Figura 6 – Lambari atuando pelo Grêmio Porto Alegrense em 1983



Fonte: acervo particular de Lambari.

Com uma carreira marcada por reconhecimento e por títulos, dentre os seis jogadores entrevistados foi o único a romper a barreira dos times interioranos e adentrar o cenário das grandes equipes nacionais. Através dos depoimentos cedidos, demonstrou uma maior dificuldade no período em que decidiu deixar os gramados profissionais de futebol, afirmação que podemos perceber na fala do depoente quando questionado.

Por isso que eu entrei em parafuso. Em todos os clubes que eu passei eu sempre fui ídolo. Eu sempre ganhava o torcedor, porque eu marcava muitos gols... Onde eu estava, estava sempre dando autógrafa e conversando com todo mundo. Então

quando eu parei de jogar eu senti muito. Porque eu vi que aquilo tinha acabado. “O que eu vou fazer agora? Ninguém mais me abraça ninguém mais me cumprimenta como antes”. E tu acabas sendo esquecido mesmo. Porque enquanto tu estás jogando e dando títulos e servindo para o clube, tu estás sendo acariciado, tem sempre um monte de gente na tua volta, sempre te entrevistando, te dando moral, estão gritando o teu nome... (RODRIGUES, 2010).

O processo de desterritorialização vivido por esse depoente é consideravelmente longo. O afastamento dos gramados como jogador profissional se deu em 1994, e a reterritorialização, já como jogador master, ocorreu apenas em meados de 2009. Esse processo veio acompanhado ao momento que retomou suas atividades profissionais¹⁴, também em meio ao mundo do futebol, como nos conta:

Olha... Aqui em Pelotas, como eu trabalho no futebol, eu renasci. Renasci pelo trabalho que nós fizemos. É um clube vitorioso, como eu disse antes, é o melhor clube aqui da região sul para se trabalhar. A alegria voltou. Voltou a alegria, voltou o entusiasmo, porque eu me dedico muito. Eu faço tudo com muito amor mesmo, eu abraço a profissão. Tem dado certo. É um time vitorioso, como eu frisei. É difícil a gente perder um jogo, e isso a imprensa está sempre na volta valorizando nosso trabalho, voltei a dar entrevistas, voltei a ser procurado... Tirar fotos, aparecer na televisão, jornal... Então essas coisas me fazem lembrar o momento que eu iniciei o futebol. Então eu estou terminando com alegria, com alto astral mesmo. (RODRIGUES, 2011).

Figura 7 – Entrevista para radio local após conquista do tetracampeonato em 2011



Fonte: a autora (2011)

O segundo depoente é Antonio Domingues Fronza, mas é por Toninho Fronza que atende quando está jogando. Toninho é natural de Bento Gonçalves. Nascido no dia 8 de

¹⁴ Em 2009, Lambari foi convidado a assumir como treinador de categoria de base do Progresso Futebol Clube de Pelotas, clube formador de atletas com grande tradição no estado.

outubro de 1955, iniciou sua carreira no Esportivo de Bento Gonçalves no ano de 1974, cidade onde reside com sua família até hoje. Teve passagens por cinco times do Rio Grande do Sul de 1974 a 1992, quando encerrou sua carreira como profissional. Nas suas palavras:

Em 1974, iniciei nos juniores do Esportivo, em 1979, Novo Hamburgo, em 1983, fui emprestado para o Brasil de Pelotas para jogar o campeonato brasileiro, Estrela em 1986, Guarani de Garibaldi em 1992, onde terminei subindo para a primeira divisão... (FRONZA, 2011).

A carreira profissional de Toninho pode ser caracterizada como interiorana. A circulação entre os clubes do interior do Rio Grande do Sul, assim como a permanência em uma equipe única sempre por no mínimo três anos, foi uma constante nesse processo.

O momento de parar de jogar profissionalmente, ou seja, a ruptura com o futebol profissional, possui um caráter singular que pode ser analisado na fala do depoente:

Naquele momento eu tive parar, meus joelhos não aguentavam mais, mesmo que eu quisesse, e eu não queria ter parado, mas eu não fiz meu luto, preferi seguir jogando no amador, que aqui é muito forte, então eu segui jogando e fui me dar conta muito tempo depois de que eu não era mais aquele cara, mas ainda marcava gols [risos], ainda sou jogador de futebol. (FRONZA, 2011).

A continuidade, nesse caso, se faz mais nítida do que a própria ruptura. O processo de parar de jogar profissionalmente para Toninho foi absorvido sem espaço de tempo nem descontinuidades, pois logo se inseriu no futebol amador, o futebol de bairro que, como afirma o depoente, é muito forte e tradicional na cidade de Bento Gonçalves.

Figura 8 – Toninho Fronza



Fonte: a autora (2011)

O terceiro depoente chama-se Leopoldo Benatti, o Raquete, como é conhecido na cidade de Bento Gonçalves e no interior do estado.

Meu nome é Leopoldo Benatti. Com 15 anos de idade comecei a treinar no Esportivo e pedi para o roupeiro do Esportivo uma chuteira de número 44, e ele se surpreendeu e disse em italiano que parecia uma raquete, daí os outros jogadores ouviram e daí já viu né. A primeira vez que eu concorri a vereador em Bento¹⁵, eu fui o mais votado, só que as pessoas votavam Raquete, Raquete, e quase não valeu. (BENATTI, 2011).

Figura 9 – Raquete (D) um colega de elenco do Esportivo Master em confraternização



Fonte: a autora (2011)

Raquete hoje é uma figura no cenário da política. Já foi vereador e secretário de Esportes da cidade de Bento Gonçalves, e em 2012 foi novamente candidato a ocupar um espaço na Câmara de Vereadores. Sua trajetória também se configura como interiorana e teve seu reconhecimento local no Clube Esportivo de Futebol, como nos conta:

Na realidade eu iniciei em 1969 no Esportivo, nos juniores, e aí fui até 1972. O primeiro treinador que treinei no Esportivo foi o Abílio dos Reis¹⁶, depois fui para os profissionais. O Esportivo tinha um grande time. Em 1970, o Esportivo subiu para a primeira divisão e eu comecei a pegar no time em 1973, e aí fui jogar até 1986. Mas nessa passagem eu saí duas vezes em 1979, fui para o Juventude depois para o Criciúma, depois voltei para o Juventude e depois para o Esportivo. Fiquei até 1985 jogando, parei, na época eu tinha uma lotérica, uma loja de pneus e uma lancheria, e tinha sócio, então, aos finais de semana, eu jogava, mas durante a semana tinha que dar uma cuidada nos negócios... E teve também o episódio da minha convulsão, eu

¹⁵ Raquete foi o ‘xerifão’ do Esportivo na década de 1970, uma época em que, segundo relatos, o Esportivo tinha um timaço. Foi, quem sabe, a melhor década da história do clube. O elenco, que atuou junto por cinco ou seis temporadas, tinha, além de Raquete, jogadores como Reginaldo, Jânio, Neca, Lairton, Paulo Araujo, Lambari e Décio Frozzi. Lairton chegou a atuar no Santos, ao lado de Pelé. Lambari foi campeão mundial pelo Grêmio em 1983. Mais informações disponíveis em: <<http://fatolivre.com.br/colunas/blog-da-corneta/parabens-raquete>>.

¹⁶ Abílio dos Reis foi um olheiro de destaque no Rio Grande do Sul e no Brasil, tendo descoberto na várzea muitos jogadores que obtiveram sucesso como profissionais.

tive uma convulsão na concentração do Esportivo, todo mundo ficou assustado e correu para me socorrer sem saber o que estava acontecendo. Acordei no hospital sem entender nada e só lembro do médico dizendo que eu teria que tomar Gardenal para sempre, mas que poderia levar uma vida normal... Depois de algumas semanas voltei a jogar, aí cai no exame antidoping, pronto não podia jogar, daí deu uma manchete no Brasil todo, saiu na capa da Zero Hora¹⁷ assim “jogador do Esportivo dopado”. Bom, aí eu tive uma promoção minha, vários médicos falando a meu favor, dizendo que esse remédio não era doping, foi um mês só de entrevistas. Bom eu já tinha quase 30 anos, já tava preocupado com o remédio, tinha as lojas, a mulher trabalhando, filhos... Daí resolvi parar, na época dava para ter negocio junto com o futebol, e eu acabei tocando os negócios junto. (BENATTI, 2011).

Como quarto depoente, apresento Reginaldo Alves, que é atualmente o treinador do Esportivo Master. Assumi esse posto em 2004, quando o primeiro time master da cidade foi fundado, sob o nome de Seleção de Master de Bento Gonçalves.

Bom, eu nasci dia 18/11/1948, hoje, portanto, tenho 63 anos de idade, bem vividos... Fiquei até meus 20 anos em Porto Alegre, depois vim fazer minha vida no interior do estado... Iniciei minha carreira no Internacional, nas categorias inferiores até meus 20 anos, 21 anos, quando me formei a profissional. Meu primeiro ano de profissional foi no Internacional, depois fui para o Esportivo... Depois eu fui jogar no Santo Ângelo, no Tamoio, aí fiquei lá um ano, fui para o Atlético Carazinho, fiquei lá por três anos, no auge do Atlético, depois dali eu fui para o Atlântico de Erechim, fiquei seis meses em Erechim, isso aí já é 1975. Em 1976 vim para o Esportivo, onde fiquei 76 e a metade de 77. Nesses times que eu passei eu fui campeão do interior, classifiquei times para a primeira divisão, voltei para o Esportivo, aí fomos campeões do interior, time muito bom de 76, 77 também. Na verdade em 77 fui para o Caxias, eu, Luis Freire e João Carlos, se encontramos lá com Luis Felipe. Em 77, apareceu o Curitiba e eu fui para Curitiba, aí fiquei em Curitiba 1978, 1979, a metade de 79 fui para o interior de São Paulo, Americana, disputar o campeonato paulista, depois joguei no América. Recebi um convite daí para ir para o Criciúma, aí com meus 32 anos. Daí falei com a minha esposa, a cidade era fantástica, comprei um imóvel por lá, mas era muito longe ainda, nós tínhamos os pais vivos. Mas joguei um ano no Criciúma até 80, o técnico era o Valdir Espinosa. Daí recebi um convite para voltar para o Esportivo, na segunda divisão, o Esportivo tinha caído. Até então, tô aqui até hoje, parei em 85, assumi o Esportivo em 85, em 86 fui treinar o Pelotas, aí reencontrei lá o Lambari, o Luis Freire e vários jogadores que eu tinha jogado contra e a favor, voltei para cá. A minha intenção era continuar a carreira de treinador, mas como eu já tinha comércio e os filhos pequenos, como colégio bom e tudo, naquela dúvida, o comércio que eu tinha tinha um faturamento bom, então naquela dúvida de ter que construir uma carreira e dar estabilidade para minha família, decidi ficar. Tive convites de treinar ainda o Caxias, o Brasil de Pelotas... Mas daí eu vi os prós e contras, eu não tinha como deixar meu comércio. Então eu não tive mais pretensão nenhuma, e de sete anos a para cá eu estou com os ex-jogadores, com o master, já fomos três vezes campeões, uma vez vice... (ALVES, 20011).

¹⁷ Jornal com grande representatividade no Rio Grande do Sul, com sede na capital Porto Alegre.

Figura 10 – Lambari, Toninho e Reginaldo, rememorando algumas histórias após uma partida em 2011



Fonte: a autora (2011)

Como quinto e sexto depoentes, trago dois dirigentes que fizeram parte da fundação do clube de futebol master em Bento Gonçalves e figuram no Esportivo Master até a atualidade. O primeiro deles, Renato Sonza, quando questionado sobre o começo do Esportivo Master, desenvolve a seguinte narrativa:

Desde 4 de abril de, eu acho, 1996 ou 1997, fundamos o Esportivo. Fundamos eu e mais quatro companheiros. Para formar, ter uma atividade para os ex-atletas que têm um passado brilhante e que estavam parados. Aí um motivo pessoal para voltar e formar um campeonato estadual dessa categoria e iniciamos esse grupo maravilhoso que a gente só leva alegria para esse pessoal. (SONZA, 2011).

Romeo Paludo também integra a direção do Esportivo Master no ano de 2012. Com um histórico de dirigente do Clube Esportivo de Futebol no final da década de 1970, apresenta uma intensa ligação com as equipes master da cidade.

Joguei futebol desde os nove anos de idade, isso talvez justifique minha paixão pelo futebol, sempre de forma amadora, depois com o passar do tempo, pela paixão acabei me juntando ao grupo de dirigentes do Esportivo em 1976 e em 1977 com 28 anos eu fui presidente do Clube Esportivo, hoje com essa idade a gurizada ainda não acordou para a realidade. (PALUDO, 2012).

Reconhecido como eterno padrinho das equipes master da cidade, Romeo Paludo se caracteriza como patrocinador oficial dessa modalidade na cidade de Bento Gonçalves. Além de dirigente do Clube Esportivo de Futebol, já atuou como jogador master até o ano de 2010 e hoje figura na diretoria de futebol e de marketing do Esportivo Master. Quando questionado sobre o patrocínio, ele afirma:

A gente faz um orçamento prévio, para a gente saber quais serão as despesas anuais, e em cima disso busca os recursos com patrocinadores e com alguns eventos. São muitas despesas. Alimentação, deslocamento, fardamento, algumas bonificações [risos] e diversas outras. (PALUDO, 2012).

Com 66 anos, nascido no interior da serra gaúcha, na cidade de Guaporé, atua no Esportivo Master desde a sua fundação e hoje inova com um projeto de marketing para a equipe.

A partir da análise das entrevistas realizadas, dos documentos e também das observações desenvolvidas durante o acompanhamento junto ao time master, pude identificar, entre outras questões, a importância que o ‘jogar futebol’ teve e ainda tem na vida desses sujeitos. Seja na sua constituição como sujeitos dotados de certo *status* social, seja quando em vias de encerrar a carreira de jogadores de futebol profissional, enfrentam o que poderíamos chamar de uma crise ou uma aposentadoria precoce: esse período específico, no qual passam por uma reorganização radical de sua própria existência, muitas vezes sendo-lhes subtraído parte de seu reconhecimento social, o que fazia parte de seu cotidiano até aquele momento.

Embora transpareça em alguns depoimentos dos jogadores entrevistados um saudosismo latente, emergem questões que os diferem uns dos outros. Porém com muita frequência aparecem narrativas quase idênticas acerca do período de transição, em que se desterritorializam. Vejamos a fala de um deles:

Eu não queria parar, eu fui parado. Ainda tinha condições, mas na época era o mais velho do grupo, tinha apoio da torcida, da direção e precisava pensar na família, não ia mais muito tempo jogando, porque o corpo não aguentava, eu tinha 35 pra 36 anos, uma família para criar e aí o convite para ser treinador foi tentador. Pensei na época que não fosse sofrer com a parada, mas acho que só prorroguei o sofrimento. É claro que não deu certo, eu era jogador, na época não tinha experiência com mais nada, faziam tudo por mim. Quando acabou foi duro, foi duro. Sem jogo, sem gols, sem torcida, sem nada. (ALVES, 2011).

Raquete, ao comentar sobre esse momento, acrescenta:

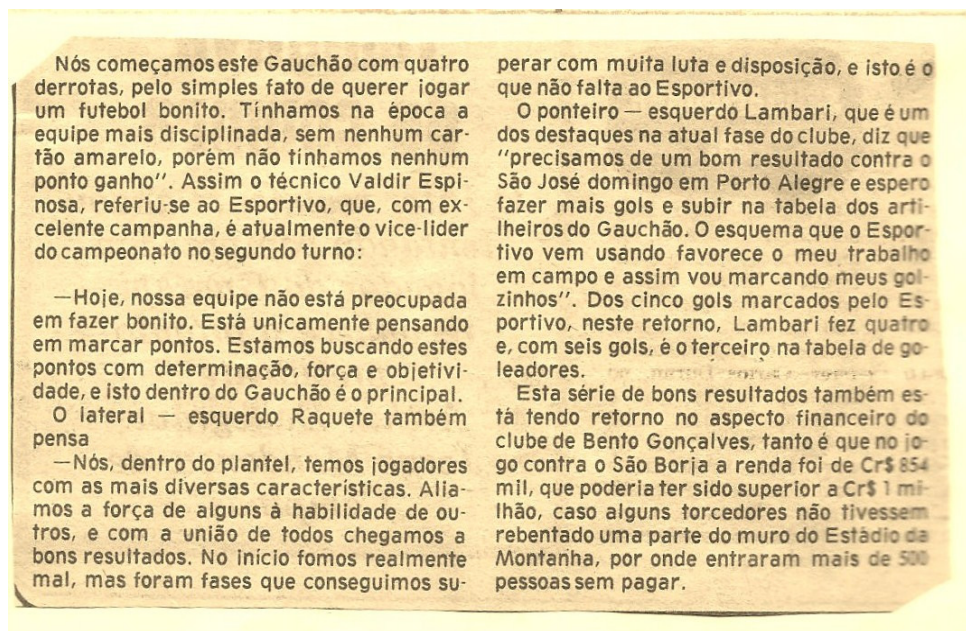
O jogador do interior na verdade ele ganha um pouco mais do que um trabalhador de empresa, só que não paga aluguel, não paga alimentação, nem médico, nem dentista... A partir do momento que o cara para de jogar futebol e vai para empresa, tem que pagar isso tudo e daí modifica o salário. Se ganhava três mil e não pagava nada, passa a ganhar mil e quinhentos e tem que pagar tudo. Esse é o primeiro desgaste, do jogador do interior que não tá preparado por causa disso. Aí o cara entra em parafuso, se sente um lixo por não poder seguir o padrão de vida que tinha e nem poder fazer aquilo que gosta. (BENATTI, 2011).

Por esses depoimentos, é possível perceber o que rememoram e como isso acontece, pois descrevem com certos detalhes e com intensidade nos gestos corporais. A minuciosidade com que lembram os detalhes de cada jogada realizada e, sobretudo, a emoção que emerge quando olham para uma fotografia antiga, uma reportagem, uma camiseta ou até troféus e

medalhas, podem ser relacionadas com aquilo que Stallybrass discute acerca da relação entre roupa e memória: “Pensar sobre a roupa, sobre roupas, significa pensar sobre memória, mas também sobre poder e posse... A roupa tende, pois, a estar poderosamente associada com a memória ou, para dizer de forma mais forte, a roupa é um tipo de memória” (STALLYBRASS, 1999, p. 16-17). Isso pode ser visualizado com facilidade na forma como eles preservam as medalhas, os troféus, as flâmulas, as faixas, as fotografias e camisas dos times nos quais jogaram, modos de preservar sua história, sua memória e principalmente reconstruírem constantemente sua subjetividade através dos significados e dos símbolos presentes nisso tudo.

Em todas as entrevistas realizadas, fossem na casa do depoente ou em algum outro local escolhido por ele, sempre traziam consigo objetos e fotografias pessoais que ilustravam suas lembranças e histórias ao decorrer da conversa. Na maioria, recortes de jornais amarelados, quase apagados, mas que registravam uma história e uma memória desses jogadores. Como na imagem abaixo, cedida por Raquete, em meio a outras fotografias e que identifiquei dois sujeitos do estudo.

Figura 11 – Recorte do jornal Gazeta de Bento Gonçalves (1978)



Fonte: acervo de Leopoldo Benatti.

Como descrito acima, o cuidado com as lembranças do tempo em que eram jogadores profissionais revela aspectos significativos do que podemos chamar então de uma memória

material (STALLYBRASS, 1999) de uma determinada época. A importância que essas lembranças possuem para muitos desses jogadores faz com que adquiram valor similar ao que Violette Morin (apud BOSI, 2003) nomeou como sendo “objetos biográficos”, aqueles que de certa forma se incorporam à vida dos seus proprietários e adquirem com eles uma série de significados.

As imagens abaixo conferem visibilidade a essa afirmação. Foram produzidas durante o desenvolvimento na pesquisa, quando tive a oportunidade de conhecer alguns desses “objetos biográficos”.

Figura 12 – Troféu do acervo particular de Ademir Rodrigues



Fonte: a autora (2011)

A fotografia acima foi produzida durante a segunda entrevista realizada com Lambari. O local da entrevista foi sua casa em Pelotas, em que possui um cômodo apenas para guardar seus troféus, medalhas, flâmulas e fotografias do tempo em que jogava profissionalmente. Esse troféu foi recebido pelo depoente em 2009, quando se sagrou goleador do Campeonato Gaúcho Master, e foi mostrado com o mesmo orgulho com o que guarda as demais lembranças.

Esse mesmo fato pode ser observado no dia 18 de maio de 2012, quando realizei a entrevista com Romeo Paludo, como descrevo na observação de diário de campo naquela mesma data:

Dia 18 de maio, estou na recepção do escritório do Romeo Paludo, é uma imobiliária e construtora e de onde estou consigo enxergar diversos troféus e faixas expostos ao

fundo da sala. Consigo identificar todos como sendo do Master. Pergunto à secretaria se são do Romeo Paludo e ela me responde “Sim, sim, essa é a paixão do seu Romeo, ele é responsável por guardar essas coisas dos dois times, acho que quer fazer um museu um dia”. (Diário de campo, 18 maio 2012).

As práticas do futebol, por ser uma experiência duradoura na vida desses atletas, impressa principalmente nos seus corpos, afetam de modo significativo sua vida, na medida em que trazem consigo lembranças e memórias vivenciadas ao longo de sua existência. Essas experiências são sentidas e vivenciadas também pelos objetos, pois medalhas, troféus, camisetas, flâmulas também são vozes do passado e narram sua sociabilidade, cujas memórias lembram o passado e ao mesmo tempo reconstróem o presente.

Do mesmo modo que os objetos, as entrevistas e reportagens são documentos que juntamente com a memória formam uma grande rede de conexões das fronteiras da ausência. A reportagem abaixo, retirada de um site da internet¹⁸, corrobora essa afirmativa:

Depois de treinar a gurizada, é hora do atleta Lambari entrar em ação. E é puxado. Treino físico com bola por quase trinta minutos, sob seus próprios cuidados. Afinal, como ex-jogador, Ademir Rodrigues, 52 anos, tem conhecimento de sobra para comandar os treinamentos, da garotada e dele mesmo. A atividade acaba e é hora de fazer a oração, na improvisada capela do CT Rubro-Negro, antigo Bancário. Natural de Erechim, o ex-jogador da dupla Bra-Pel ainda tem motivação de sobra para seguir nos gramados de futebol. No entanto, quem vê situações como a apresentada acima, nem imagina que a situação um dia foi diferente: “foi difícil parar com o futebol (como jogador). Eu não estava preparado”, confessa Lambari. De fato, largar a vitoriosa carreira era tarefa difícil. Lambari não apenas treina o time juvenil. É olheiro. Basta a bola rolar nos gramados ao seu redor para buscar talentos. “A gente fica analisando, observando e na hora certa...”, Lambari se torna pescador.

Através dessas fontes, foi possível perceber a angústia e certo despreparo desses jogadores diante do momento de parar de jogar profissionalmente, bem como a dificuldade de admitir que, agora, talvez sejam ex-jogadores.

Esse sentimento que emerge nas entrevistas desses jogadores master também foi vivenciado por Tostão, jogador que ficou famoso na década de 1970. No artigo de Nuno Ramos (1993), ele afirma que um jogador de futebol envelhece duas vezes na vida: uma quando para de jogar e outra quando envelhece biologicamente. Ao comentar sobre esse momento marcante na carreira dos jogadores, Tostão acrescenta: “o duro é quando você acaba de jogar, essa sensação de vazio que tem. Normalmente todo mundo tem uma profissão só na vida. Quando você acaba de jogar, cedo, tem a certeza de que você acabou...” (ibidem, p. 33).

Além da difícil decisão de parar de jogar, o momento de recomeçar em outra profissão fora ou não do futebol é também foi decisivo na vida desses jogadores. Alguns deles, mesmo

¹⁸ Disponível em: <<http://www.futeboldaqui.com.br/site/wp/2010/08/23/quando-lambari-vira-pescador>>. Acesso em 14 nov. 2012.

após a conquista de uma nova profissão que não se relaciona com o futebol, vivem das lembranças da carreira e da fama que adquiriram no meio esportivo, o que dificulta a construção de uma nova carreira sem as marcas do jogador que um dia foi. Na fala de Tostão: “Acho que eu fiquei obsessivamente querendo ser o Tostão da medicina... isso me incomodou muito.” (RAMOS, 1993, p. 36).

A tentativa de encontrar uma nova profissão pode se tornar uma tarefa muito difícil, frustrante e, por vezes, demorada, principalmente se ela não se liga de alguma forma ao mundo do futebol, como apontou Juninho, ex-técnico do Corinthians, em entrevista a Wanderlei Nogueira: “No momento em que parei, em 1991, matei um personagem: o atleta Juninho”¹⁹. Depoimentos como esses indicam o quanto é difícil o período de transição dos atletas de futebol para o seu processo de desterritorialização e reterritorialização. Indicam, ainda, o quanto as sensações e emoções vividas através do futebol se materializam como condições de existência repletas de significados.

Ao buscar apoio em alguns escritos de Michel Foucault sobre o processo de subjetividade e, principalmente, em sua maneira de operar com a história, consegui tecer aquilo que compreendo ser minha própria história sobre esses jogadores de futebol e, de modo muito tímido, sobre algum momento do Esportivo Master. Feita essa primeira aproximação, percebe-se que as linhas de fuga, ou seja, o processo de desterritorialização (DELEUZE; GUATTARI, 1992) vivido por esses sujeitos analisados ocorre de fato, porém é correto afirmar que não necessariamente ocorrem de maneira cronológica.

O momento de parar de atuar profissionalmente gera, conseqüentemente, certa ansiedade e até mesmo a existência de um ‘luto’, descrito por eles mesmos, e que classifico neste estudo como um primeiro sinal de desterritorialização. Porém esse movimento pode demorar um tempo significativo ou simplesmente acontecer de forma imediata, como explicita o depoente Lambari, ao comentar essa passagem:

Eu terminei no Santa Cruz. Foi meu último ano. Ainda depois dessas vaias que eu recebi no final de carreira, ainda tive mais uma temporada no Santa Cruz. Foi meu último clube. E eu não fiz despedida, não passou pela minha cabeça. Não quis. E foi indo... Daí eu comecei a jogar no amador na cidade. No que eu parei de jogar no profissional, eu fui convidado para jogar o amador de Pelotas, que é muito forte. E boas condições que eles davam e eu dei continuidade no amador. Não fiz jogo de despedida, não passou pela minha cabeça. (RODRIGUES, 2010).

Isso também pode ser notado na fala de Reginaldo Alves, quando descreve essa passagem:

¹⁹ Disponível em: <<http://www.terra.com.br/esporte>>. Acesso em: 2 mar. 2004.

Além de começar a treinar, eu também segui jogando, digo também porque sei que a gurizada não para totalmente, não consegue, como já te disse, ficar em casa é muito pior. Então a gente segue, segue porque no amador se tem muito prestígio, o profissional é valorizado e realmente é muito diferenciado em todos os sentidos, quando vi eu já era amador. (ALVES, 2011).

Essas linhas de fuga não são necessariamente ‘revolucionárias’, mas são justamente elas que vão iniciar um movimento de reterritorialização, momento no qual esses homens retornam aos gramados na condição de jogadores master. Como coloca Raquete (BENATTI, 2011), “não é fácil ficar em casa, não ter um jogo, acho que a gente sofre mais ficando em casa do que jogando”. Sobre esse mesmo fato, Lambari acrescenta:

Olha... Eu fiquei mais ou menos uns cinco anos perdido. Foi muito difícil essa saída do futebol. Porque eu não sabia fazer nada, nada mesmo. A minha vida toda desde os dez anos foi jogar futebol. E o atleta nesse período de 15, 20 anos que ele joga, fazem tudo por ele. Desde alimentação, roupa, tudo. Até as contas o clube faz para o atleta. Então ele só joga futebol. Ele só entra em campo, faz o trabalho dele e volta para casa. Então quando eu parei, eu senti muito isso aí, porque eu não tinha o que fazer. Não sabia. Até tive problemas físicos que me prejudicaram um pouquinho, mas com o tempo e com a ajuda da família fui dando a volta por cima e fui procurar algo para fazer. Eu vi que a vida não acabava ali e que eu tinha saúde para fazer outras coisas também [...]. Depois do profissional, como eu frisei antes, eu fui procurado pelo amador. Foram mais três anos no Colonial aqui de Pelotas que é chamado, mas é muito organizado. Amenizou um pouquinho a minha parada. Era só final de semana, mas eu tinha aquele compromisso, aquela motivação ainda de jogar futebol. Porque um profissional que para, no amador ele tem chance de jogar uns três, quatro anos tranquilo. Então foi bom. Foram momentos bons que eu passei no amador de Pelotas e depois eu comecei a trabalhar com vendas de automóveis. Foram mais cinco anos praticamente. (RODRIGUES, 2011).

Esse processo de redimensionamento pessoal e profissional relatado nos depoimentos pode ser definido como uma tentativa de (re)construírem uma determinada subjetividade. Isso pode ser notado através de um movimento produzido por eles que, ao mesmo tempo em que busca resgatar de alguma forma o jogador de futebol que um dia foram, (re)significa essa prática, atribuindo a ela novos sentidos. Como na fala de Raquete:

Não gosto de ser chamado de ex-jogador, não gosto. Mas gosto de ter sido [risos], isso é complicado. É que ainda me sinto jogador, ainda jogo, o que eu fui nunca vai se apagar, só me ajuda a ser melhor hoje, me deu experiência, alegria. Eu posso não ser a mesma pessoa, mas sou o mesmo jogador. Com cabelo branco e barriga maior. (BENATTI, 2011).

A partir dessas falas, nesse capítulo discuti a desterritorialização desses jogadores a partir do momento que deixaram de ser jogadores profissionais. Em seguida, passarei a descrever os modos como eles se reterritorializaram.

4 O PROCESSO DE (RE)PROFISSIONALIZAÇÃO DO MASTER: A RETERRITORIALIZAÇÃO

Entendo o processo de reterritorialização como o momento em que os ex-jogadores profissionais retornam para o futebol na função de jogadores master. Esse movimento pode demorar mais para uns e menos para outros, fato que podemos confirmar na fala de Romeu Paludo:

O processo de seleção de jogadores é um pouco delicado. Muitos acontecem por indicação dos próprios jogadores, outros a gente tem que buscar em casa e convencer a jogar. Na verdade todos passam por um período difícil quando deixam de ser profissionais. Perto dos 50 anos, uns mais, outros menos retornam com mais maturidade e certos de que podem contribuir muito ainda para grandes vitórias do grupo. (PALUDO, 2011).

Essa reterritorialização é assim entendida inclusive porque a organização do Campeonato Gaúcho Master passa pela mesma organização das equipes master do estado. A diretoria das equipes, no caso específico do master, torna-se tão importante e atuante quanto a diretoria das equipes de futebol profissional. O depoimento de Sonza aponta para essa direção:

Existe a Federação Master que fica em Porto Alegre, mas de lá só saem as resoluções mais pontuais, como datas de jogos, o calendário mesmo e algumas regulamentações. Mas como todo os envolvidos já têm uma certa experiência e muito bom senso, o negócio é bem maleável, eu diria. (SONZA, 2011).

Tal semelhança pode ser vista, por exemplo, na preocupação em padronizar as equipes no que se refere a normas e regras a serem seguidas, assim como nos próprios documentos de inscrição de jogadores no Campeonato Gaúcho Master. Esses documentos são muito semelhantes aos enviados para equipes profissionais que participam de campeonatos gaúchos de profissionais, como pode ser observada nas imagens das próximas páginas. Os documentos a seguir fazem parte do acervo do diretor Renato Sonza e evidenciam essa semelhança, pois as fichas de inscrições de jogadores são similares às usadas em competições profissionais.

Figura 13 – Documento de inscrição no Campeonato Estadual de Futebol Master



LF – ORGANIZAÇÕES ESPORTIVAS
C. N. P. J. Nº 08491226/0001-44

SOLICITAÇÃO DE INSCRIÇÃO DE ATLETA

Número de Inscrição:
.....

Solicitamos junto a Comissão Organizadora da ^o **CAMPEONATO ESTADUAL DE FUTEBOL MASTER**, a inscrição do atleta abaixo relacionado:

Nome do Atleta:

Apelido:

Número do Documento: Data de Nascimento:

() RG - () CNH - () Cart. Profissional - () Passaporte

Nome da Equipe Solicitante:

Nome da Equipe que disputou no ano anterior:

Data da Solicitação de Inscrição:

Nome do Responsável pela Agremiação:

Número do Documento do Responsável pela agremiação:

ASSINATURA DO RESPONSÁVEL

ASSINATURA DO ATLETA

OBS: Caso refira-se a inscrição de atleta novo, a presente ficha deverá vir acompanhada de fotocópia do documento usado na inscrição devidamente autenticado;

O número mínimo de atletas inscritos é 20 e máximo é 30 ;

O preenchimento deverá ser em letra de forma ou datilografado;

Não colocar nada no espaço reservado ao Número de Inscrição.

ESPAÇO RESERVADO A COMISSÃO ORGANIZADORA

Conferido Por: Data de Entrega da Solicitação:

Número de inscrição do Atleta na Ficha: () Renovação - () Novo

Data da Inscrição: Assinatura do Responsável:


Apoio: Paquetá Esportes – Federação Gaucha de Futebol

LF – Organizações Esportivas
Rua Dr. Derly Monteiro, 301/203 – Jardim Planalto – POA/RS – CEP: 91225-170

Fonte: acervo particular de Renato Souza.

Figura 14 – Documento de inscrição para o VII Gauchão Master 50

SUPERLIGA GAÚCHA DE FUTEBOL MASTER
FUNDADA EM 26/01/1999



GAUCHÃO 2006

INSCRIÇÃO DE EQUIPE PARA O VII GAUCHÃO MASTER 50

NOME COMPLETO DA ENTIDADE SEM ABREVIATURAS: _____ - FUTEBOL DE CAMPO PARA CINQUENTÕES -

LOCALIDADE – MUNICÍPIO E BAIRRO OU ZONA RESIDENCIAL:

RESPONSÁVEIS PELA EQUIPE:

NOME COMPLETO E APELIDO AUTORIZADO: _____ CARGO NA EQUIPE: _____

ENDEREÇO, FONE, FAX E CEP: _____

E-MAIL PARA RECEBER A CORRESPONDÊNCIA DA SUPERLIGA E E-MAIL ALTERNATIVO

NOME COMPLETO E APELIDO AUTORIZADO: _____ CARGO NA EQUIPE: _____

ENDEREÇO, FONE, FAX E CEP: _____

E-MAIL PARA RECEBER A CORRESPONDÊNCIA DA SUPERLIGA E E-MAIL ALTERNATIVO

NOME COMPLETO E APELIDO AUTORIZADO: _____ CARGO NA EQUIPE: _____

ENDEREÇO, FONE, FAX E CEP: _____

E-MAIL PARA RECEBER A CORRESPONDÊNCIA DA SUPERLIGA E E-MAIL ALTERNATIVO

CORES DOS FARDAMENTOS UTILIZADOS:
PRINCIPAL _____
FARDAM. B: _____

ESTÁDIOS OU GRAMADOS QUE PODERÃO SER UTILIZADOS NO CAMPEONATO: NOME E ENDEREÇO.

1	_____
2	_____
3	_____

HISTÓRICO OU COLOCAÇÃO DA ENTIDADE NA SUPERLIGA OU TÍTULOS OBTIDOS EM SEU MUNICÍPIO DE ORIGEM.

1999	_____
2001	_____
2002	_____
2003	_____
2004	_____
2005	_____

TAXA DE INSCRIÇÃO – Indique qual o plano que a sua equipe optou e anote data e hora que efetuou seu pagamento.

	30/12/2005	27/01/2006	24/03/2006	PARCELAS	Depósitos deverão ser feitos para:
A	R\$ 250,00	-----	-----	Taxa única.	BRABESCO Agência 1973 - 9 Conta 0520734 - 7
B	-----	R\$ 300,00	-----	Taxa única.	NOTA: Moeda ou Cheque.
C	-----	-----	R\$ 400,00	Taxa única.	PLANO: EFETUADO EM:
D	R\$ 150,00	R\$ 150,00	R\$ 150,00	Três parcelas.	GUARDE O SEU COMPROVANTE PARA APÓS, RETIRAR O SEU RECIBO

RESPONSÁVEL PELA INSCRIÇÃO DA EQUIPE. _____
RESPONSÁVEL NA SUPERLIGA PELA INSCRIÇÃO. _____

ORDEM DE INSCRIÇÃO. _____ DATA DA INSCRIÇÃO DA EQUIPE. _____

IMPRIMA E FAÇA XEROX SEMPRE EM PAPEL FORMATO A4 – 297 x 210mm. - superligamaster@bol.com.br - 3452 6655 – 3452 6688 – 9885 8892

Fonte: acervo particular de Renato Sonza

O primeiro documento é uma ficha de inscrição de atleta no Campeonato Estadual de 2009. Os espaços para preenchimento são para o nome e números de documentos dos atletas, assim como o nome da equipe e dos responsáveis por ela. Em outro espaço, o atleta coloca o nome do time pelo qual disputou o campeonato anterior e, se o atleta for “novo”, deverá conter uma fotocópia do documento autenticado, o que demonstra organização por parte dos organizadores.

O segundo documento trata-se de uma ficha de inscrição da equipe no Campeonato Estadual e consta, além de nome da entidade, três nomes de responsáveis, com respectivos cargos e e-mails, cores dos fardamentos (fardamento A e fardamento B), estádios que poderão ser utilizados para jogos (espaço para três opções) e um histórico de títulos desde 1999. Logo abaixo, existe uma tabela com taxas de inscrição, valores e planos de pagamentos nos quais as equipes devem se encaixar.

A incidência de taxas e de inscrições prévias, por exemplo, são fatores que aproximam o futebol master do futebol profissional. Essa afirmação está baseada em registros no meu diário de campo:

São 17h horas do dia 10/04/2012, encontrei com o Raquete e ele me pergunta se posso enviar uma ficha de inscrição a um jogador amigo do meu pai. Eduardo, o nome dele, parece que ele ainda não completou cinquenta anos, mas pode assinar assim mesmo, pois o ano de nascimento é que conta. “Estávamos ‘de olho nele’”, me disse o Raquete, “e o teu pai disse que é bom, então precisamos cumprir os prazos”. Ele me dá a tal ficha, se despede de mim e diz: “A gente que é macaco velho é que tem que ficar de olho, amador esquece desses detalhes”. Interessante. (Diário de campo, 10 abr. 2012).

Fatos como esse são facilmente identificados na realização das próprias partidas oficiais como, por exemplo, o ritual de cada atleta assinar a súmula antes da partida, fato que é supervisionado pelo árbitro da Federação, como pode ser evidenciado na imagem a seguir.

Figura 15 – Momento de assinatura da súmula



Fonte: a autora (2012)

A vivência desses jogadores que já foram profissionais torna-se nítida, e entre eles também existe essa diferenciação. Eles costumam se referir a outros jogadores como boleiros ou amadores; boleiros são os que jogaram profissionalmente, amadores somente jogaram amadoramente. Com alguns anos de observação e convivência, essa diferença é evidente, como se observa na fala de Toninho:

Quem já jogou junto, já se conhece, já tinham uma amizade... e a qualidade de um ex-atleta para um amador, daí a diferença é bem grande. A gente percebe. E quem está assistindo também [riso]. Por isso que esse time que nós fomos campeões três anos seguidos é à base de ex-atleta. (FRONZA, 2010).

Esse sujeito da experiência (LARROSA, 2002), esse jogador de futebol dotado de uma experiência poderia ser descrito como um território de passagem, em que tudo o que lhe aconteceu produziu marcas, símbolos, significados e afetos. Tudo isso deixa vestígios, produz efeitos. Esse sujeito não se define mais por sua habilidade ou capacidade, mas pelo que foi produzido nele mesmo.

A imagem seguinte foi doada por Reginaldo Alves no dia em que foi entrevistado. Ela estava guardada dentro de um livro e, quando entregue, veio seguida de uma recomendação: “Esse sou eu, esse é teu pai, Raquete, Toninho. Estou te dando porque sei que vais cuidar e fazer bom uso. As pessoas precisam ver quem fomos e quem somos.” (Diário de campo, 15 dez. 2011).

Figura 16 – Time do Esportivo, campeão gaúcho do interior, em 1979.



Fonte: acervo de Reginaldo Alves, com cópia idêntica no acervo de Lambari.

Legenda: em pé: Espinosa (técnico), Jacir, Carlão, Edgar, José, Raquete, Celso Freitas, Noelsem; agachados: João Carlos, Dilvar, Adilson, Toninho Fronza e Lambari.

As semelhanças com o mundo profissional do futebol podem ser percebidas também no investimento da diretoria em melhorar e divulgar a imagem da equipe. No início do ano de 2012, a diretoria do Esportivo Master decidiu se registrar como uma empresa à parte do Clube Esportivo de Futebol de Bento Gonçalves, e dessa foram angariar fundos para sua manutenção. Junto a isso, uma nova diretoria foi formada, novos projetos foram propostos e uma nova jornada caminha rumo à consolidação dessa equipe. Após dois anos de estudo, posso afirmar que o Esportivo Master é uma realidade na cidade e na região, assim a busca por patrocínios e apoio tornou-se mais fácil do que outrora.

Percebi a existência de várias iniciativas de conferir visibilidade ao time e também aos seus jogadores. Uma delas é a inserção da equipe nas redes sociais²⁰ – por meio da qual estão se apropriando das novas tecnologias de informação, com o objetivo de maior divulgação – e de um *site*²¹, ainda sem domínio próprio. A manutenção desses meios de comunicação está sendo realizada em prol da divulgação constante, principalmente da marca dos patrocinadores e apoiadores, assim como da marca do próprio Esportivo Master.

²⁰ Disponível em: <<http://www.facebook.com/pages/Esportivo-Master/109820262493416>>. Essa página foi idealizada e criada por mim a pedido dos dirigentes do Esportivo Master.

²¹ Disponível em: <<http://esportivomaster.goldenbiz.com.br>>. O site foi criado por mim também a pedido da diretoria do Esportivo Master.

O quadro abaixo apresenta as informações contidas no perfil do Esportivo Master no Facebook.

Quadro 2 – Perfil do Esportivo Master no Facebook

<p>Esportivo Master</p> <p>Sobre: O Esportivo Master é um entidade de Bento Gonçalves devidamente organizada e registrada, de uma equipe de futebol de campo Master. Idealizada por um grupo de empresários que se dedica ao esporte, o Esportivo Master conta com quatro títulos gaúchos.</p> <p style="text-align: center;">Informações básicas</p> <p>Nascimento: 4 de abril de 2004</p> <p>Localização: Bento Gonçalves</p> <p>Membros: Presidente: Renato Sonza; Vice: Roberto Mattei; Diretor de Marketing e Futebol: Romeo Paludo; Dir. Adm: Jairo Alberici; Secretário: Genuino Boara; Dir. Financeiro e Ass. de Direção: José Balestrin, Luís Carlos Tedero e Celso Sodera; Técnico: Reginaldo Alves; Auxiliares: Gustavo Sperotto e José Lauro da Cruz; Massagista: Jacir Aguiar; Fisioterapeuta: Marcel Alves; Roupeiro: Alcides Rubo; Fotógrafo: Enio Bianchette; Assessoria de Imprensa e Marketing: Enio e Aline Guimarães.</p> <p>Prêmios: quatro títulos gaúchos de futebol master e um vice-campeonato</p> <p>Telefone: (54) 9171-6638</p> <p>E-mail: esportivomaster@hotmail.com</p> <p>Website: http://esportivomaster.goldenbiz.com.br</p>
--

Fonte: <<http://www.facebook.com/pages/Esportivo-Master/109820262493416>>

Foram pensadas diversas outras ações de divulgação e fixação da marca, tais como: a confecção de um banner, contendo todos os patrocinadores e apoiadores, que circula por todos os lugares onde a equipe joga e também em jantares e festividades; informativos distribuídos nos jogos do Esportivo Master, indicando informações acerca de jogos, locais, horários, equipe de trabalho, diretoria, os nomes dos jogadores, a próxima rodada, e-mail e site; e uma maior interação e diálogo com a imprensa local (jornais, rádios e televisão).

Figura 17 – Banner de divulgação



Fonte: a autora (2012)

Figura 18 – Imagem do jantar do Esportivo Master com parceria do restaurante



Fonte: acervo da autora (2012)

Tais iniciativas foram proporcionando ao Esportivo Master algo que nomeei como sendo um processo de (re)profissionalização dessa equipe, algo pertencente ao processo de reterritorialização que identifico ao longo do estudo. Como coloca Deleuze (1992), quando diz não haver desterritorialização sem que haja, ao mesmo tempo, um esforço para se reterritorializar em outra parte.

Esse esforço pode ser entendido como uma tentativa de (re)significar o próprio “ser jogador de futebol” e pertencer a uma equipe, ou simplesmente atribuir novos significados à prática de jogar futebol, agora na condição de master. A fala de Reginaldo Alves aponta para essa direção:

Fui parando aos poucos, depois tem que pensar na família, né? Mas o futebol sempre estive em um lugar de importância, pensava em fazer mais alguma coisa quase todos os dias, daí essa ideia do Esportivo Master, no início seleção Master de Bento veio completar a minha vida, é acho que é isso, faltava isso. Só que agora preciso pensar que também acaba. Mas pelo menos ganhei sobrevida [risos], mesmo que por mais um tempinho só. (ALVES, 2011).

Reginaldo passou a ser técnico do Esportivo Master em 2004, através de um convite do presidente Renato Sonza, e desde então está no comando da equipe. Nos últimos meses esteve afastado com problemas de saúde, gerando ansiedade nos jogadores e na direção.

Figura 19 – Reginaldo volta após licença de saúde



Fonte : a autora (2012)

A imagem acima retrata o retorno do treinador ao comando da equipe. Nesse mesmo dia, antes de entrar em campo, comentou com um colega de grupo que sabia que um dia iria ter que parar, mas que o dia “não era hoje e nem amanhã” (Diário de campo, 19 ago. 2012).

CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS: ALGUNS APONTAMENTOS

É uma decisão natural, um dia tenho que dar um basta... Até em respeito a meus fãs. Mas vai doer... Só de pensar nisso dá uma tremenda nostalgia... O futebol ocupou todo o tempo da minha vida. (NAZÁRIO, 2010).

Diante do exposto, após dois anos e meio de convivências e análises, o que posso afirmar é a importância que jogar futebol teve e tem na vida desses jogadores de futebol master, e que, de certa forma, os constituiu e ainda os constitui como jogadores de futebol. Ao conviver com eles, percebi que são sujeitos dotados de uma subjetividade futebolística em constante transformação. Trata-se de uma subjetividade (re)construída ao longo dos anos em que atuaram em muitos gramados espalhados pelo país e que, de algum modo, continua existindo e em processo de construção, sendo reterritorializada constantemente.

Nesse sentido, e no decorrer desta investigação, fui sendo naturalmente levada a desconstruir diversos preconceitos e certezas as quais carregava comigo e que, certamente, tangenciavam constantemente meu pensar acerca do tema da dissertação. Fui a campo, no início do estudo, procurando por ex-jogadores de futebol profissional traumatizados, sofridos, desgastados, revoltados ou mesmo tristes. Entretanto não os encontrei. Nesse mesmo campo, no Esportivo Master, encontrei jogadores de futebol master satisfeitos com suas trajetórias, vitoriosos e, na sua maioria, felizes.

Orgulhosos de seu passado como profissionais, carregando na pele uma deliciosa vaidade pela trajetória, mas ainda sedentos por conquistas e títulos de um futuro próximo. Certos de que a jornada ainda não acabou e que o processo sofrido por eles, talvez, fora apenas uma passagem, uma forma de adaptação, de reorganização de sua condição de atleta e, por que não, de ídolos.

Ídolos agora com cabelos brancos, ‘uns guris’ de 50 anos, mas que ainda marcam gols, que jogam bonito, que driblam, que vibram, que choram, que reclamam de uma ‘falta mal marcada’, que ‘catimbam’, que ‘cavam pênaltis’, que ‘fazem cera’ e que usam de toda sua famosa malandragem. Malandros, experientes, jogadores de futebol de coração e de alma, dotados de todo significado que isso possa carregar consigo.

O momento de parar de jogar profissionalmente pode, sim, ser traumático, mas trata-se de um processo de reconstrução da subjetividade desses indivíduos e que ocorre de maneira singular. Até que, na maioria dos casos, retornam aos gramados na condição de jogadores de futebol master. Não menos importantes do que eram, tampouco por diversão ou brincadeira, pois encontraram uma equipe bem-estruturada, campeonatos regulamentados, a existência de

uma federação, de uma diretoria, de patrocinadores e colaboradores, de imprensa, dos familiares e da torcida. Não é uma reprodução adaptada do mundo futebolístico profissional, mas um outro universo possível dentro desse mesmo mundo da bola.

Finalizo esta escrita com a imagem de uma equipe de futebol master vitoriosa, os melhores jogadores master do estado, tetracampeões em busca do pentacampeonato.

Figura 20 – Tetracampeonato Esportivo Master 2011



Fonte: a autora (2011)

REFERÊNCIAS

ALVES, Reginaldo. **Depoimento de Reginaldo Alves**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2011.

BENATTI, Leopoldo. **Depoimento de Leopoldo Benatti**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2011.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

_____; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. (Coleção Trans).

DEMARTINI, Zeila de B. F. Resgatando imagens, colocando novas dúvidas: reflexões sobre o uso de fotos na pesquisa em História da Educação. **Cadernos CERU**, v. 2, n. 8, p. 9-28, 1997.

DUNNIG, Eric. Prefácio. In: ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: _____. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 1992. p. 89-128.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **Segurança, Território, População**. São Paulo, 2008.

FRONZA, Antonio. **Depoimento de Antonio Fronza**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2011.

GOELLNER et al. **Pesquisa Qualitativa: marco teórico e modos de usar**. Maringá, v. 21, n. 3, p. 381-410, 3. trim. 2010

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

NAZARIO, Ronaldo. Entrevista. **Zero Hora**, p. 8, 15 nov. 2010.

PALUDO, Romeo. **Depoimento de Romeo Paludo**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2012.

PESAVENTO, Sandra J. **História e história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.

RAMOS, Nuno: Opiniões de um homem comum. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, n. 37, p. 103-120, 1993.

RIBEIRO, Carlos Henrique. Representação social de ex-jogadores de futebol: solidariedades, lembranças e conselhos. **Cadernos de Estudos e Pesquisas**, v. 9, n. 21, 2005.

_____. Para além do ostracismo no futebol. **Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos UFRJ**, v. 6, 2010.

RIGO, Luiz Carlos. **Memórias de um futebol de fronteira**. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

_____. et al. Memórias de corpos esportivizados: a natação feminina e o futebol infame. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 131-146, 2005.

RODRIGUES, Ademir. **Depoimento de Ademir Rodrigues**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2010.

_____. **Depoimento de Ademir Rodrigues**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Michel Foucault e os paradoxos do corpo e da história. In: VEIGA-NETO, Alfredo; SOUZA FILHO, Alípio de; ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (org.). **Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SCHNEIDER, Sergio. Território, ruralidade e desenvolvimento. In: VELÁSQUEZ LOZANO, Fabio; MEDINA, Juan Guillermo Ferro (org.). **Las configuraciones de los territorios rurales en el siglo XXI**. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2009. v. 1. p. 67-108. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/pgdr/arquivos/726.pdf>>. Acesso em: 10 nov. 2012.

SONZA, Renato. **Depoimento de Renato José Sonza**. Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: CEME/UFRGS, 2011.

SOUTO, S. M. **Os três tempos do jogo**: anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro. Um estudo de caso de um ex-jogador famoso. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx**: roupas, memória, dor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

VEYNE, Paul, M. Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

VON SIMSON, Olga de M. (org.). **Os desafios contemporâneos da História Oral**. Campinas: CMU Unicamp, 1997.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze**. Rio de Janeiro: Sinergia; Relume Dumará, 2009.